

## Vale, o romance de uma história

Nesta edição do Jornal da Vale, um Informe Especial conta três histórias que são, na verdade, partes de uma mesma história de sonhos, de lutas e de sucessos. A primeira narra a saga da siderurgia brasileira, desde os tempos em que mineradores artesãos arrancavam o minério da terra e forjavam e fundiam em engenhos primitivos até hoje, quando entramos em novo ciclo do ferro. A outra é a história da própria Companhia Vale do Rio Doce, que de seus primórdios até o presente se confunde com a da mineração e da siderurgia no Brasil. Por fim, a repórter Marília Abreu e o fotógrafo Paulo Matos Lima percorreram a Estrada de Ferro Vitória — Minas e nos contam da aventura de sua construção e de sua importância econômica.



## Marajó, a ilha mágica do Pará

Marajó não é apenas a maior ilha fluvial do mundo: seus 50 mil quilômetros quadrados são um verdadeiro paraíso ecológico, habitado por aves, macacos, jacarés e muitos milhares de búfalos. (Página 13)



Búfalos integram paisagem da ilha

## Dona Beja: mito reina em Araxá

Mais de cem anos depois de sua morte, Dona Beja ainda reina em Araxá. A história de sua vida e de seus amores é contada, com orgulho, pelos habitantes da cidade onde viveu por 70 anos. (Página 13)



Museu conta a história de D. Beja



## Projeto Titânio estará pronto em março



A usina-piloto de Tapira, perto de Araxá, já produz titânio desde 81

A Valé concluirá, até o próximo mês de março, o projeto da unidade industrial que, a partir de 1987, estará produzindo 150 mil toneladas por ano de concentrado de anatásio (minério de titânio) em Tapira, Minas Gerais. Agora em janeiro, a empresa embarcará mais duas mil toneladas do concentrado para a Du Pont, nos Estados Unidos, que está realizando testes industriais com o produto. A tecnologia para a obtenção de titânio através do anatásio foi desenvolvida pela Vale, em dez anos de pesquisas que custaram vinte milhões de dólares. O titânio é considerado o metal do futuro, pois sua aplicação na indústria bélica e aeroespacial é cada vez maior, ultrapassando a sua tradicional utilização como pigmento branco. (Página 16)

Vendas de minério superam 70 milhões t

## Exportação de 84 é recorde

No ano passado, a Vale bateu todos os recordes de sua história na exportação de minério e pelotas e no transporte de carga geral pela Vitória—Minas. (Página 3)

## Itabira vai fabricar gusa

O Presidente Eliezer Batista assinou contrato para a construção de usina de ferro-gusa, em Itabira, que produzirá 60 mil toneladas anuais e irá gerar 600 empregos. O investimento da Vale no projeto é de US\$ 3 milhões.

• Falando em Goiânia, no V Encontro do Centro-Oeste, Eliezer informou que Goiás tem agora, através de ferrovias da CVRD, duas saídas para o mar: ao Sul, pelo Porto de Tubarão, e ao Norte, pelo Porto de Itaqui. (Página 5)

## Brasil lidera comércio de ferro no mundo

Página 3



Eliezer lança a pedra fundamental

## Este é o ano de Carajás

Está prevista para 1.º de março a inauguração da Estrada de Ferro Carajás que marca uma nova e decisiva etapa da empresa. Este ano, deverão ser exportadas pelo Porto de Itaqui, em São Luís, um milhão de t de minério.

• Já começaram a chegar a Carajás os equipamentos do Centro de Controle Operacional da ferrovia, totalmente fabricados no País. (Página 8)

## Freyre anuncia ciclo do ferro

Impressionado com a grandiosidade do Projeto Carajás, o sociólogo Gilberto Freyre prevê que o Brasil vai entrar, agora, no ciclo do ferro.

(Página 4)



## Adiada mudança para o 'Barão'

Foi adiada para o início deste ano, ainda sem data marcada, a mudança para o Edifício Barão de Mauá, devido ao atraso no acabamento dos interiores. A transferência das superintendências dos prédios da Academia e da Aeronáutica deverá levar 15 dias. A Vale vai ocupar todo o B. Mauá, com exceção de metade do térreo.

## Sufer é a campeã invicta da Aerd

Ao vencer na final a Sufin por 6 a zero, a Sufer sagrou-se campeã invicta do campeonato interno de futebol de campo da Aerd, no ano passado, do qual participaram 10 equipes. Este foi o primeiro título da Comercial, comandada, no campo, por Oswaldo "Devagar", e fora, por Ivo, Lazosky e Camilo. Bernardo, com 6 gols, foi o artilheiro. (Página 14)



O break foi uma das atrações da festa de Natal dos empregados no Rio. Teve ainda teatro, cães amestrados, palhaços e, no final, Papai Noel. (Página 9)

## Mais segurança no Porto de Tubarão

Embora seja considerado uma "área de grande risco", o Porto de Tubarão encerrou o ano de 84 registrando 13 acidentes de trabalho entre seus 1.600 funcionários. E nos últimos cinco meses não houve qualquer acidente. Os números estão diminuindo ano a ano. No Brasil, morrem 33 pessoas por dia em acidentes de trabalho, que são 17 por minuto. (Página 10)





CVRD

## CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

## PRESIDENTE

Eliezer Batista da Silva

## VICE-PRESIDENTES

Edson da Costa Mattos  
Eúclides Triches  
Hélio Bento de Oliveira Mello  
Luiz do Amaral de França Pereira  
Oswaldo Barcellos Cordeiro de Farias  
Váltér Rocha de Oliveira

## DIRETORIA

Eliezer Batista da Silva  
(Diretor Presidente)  
Luiz do Amaral de França Pereira  
(Diretor Vice-Presidente)  
Agilberto Pires  
(Diretor Jurídico)  
Deoclécio Rodrigues  
(Diretor Industrial)  
Francisco José Schettino  
(Diretor de Produção)  
José Pitella Júnior  
(Diretor de Engenharia)  
Mario Roberto Marques Pierry  
(Diretor Administrativo)  
Raymundo Pereira Mascarenhas  
(Diretor Comercial)

## SUPERINTENDÊNCIAS

Alfredo Carlos Vieira  
(Sistemas)  
Clodoaldo José Fernandes Motta  
(Secretário Técnico)  
Delson Furtado de Almeida  
(Jurídico)  
Eúclides Penedo Leão Borges  
(Finanças/Internacional)  
Fausto Lyra de Aguiar  
(Não-Ferrosos)  
Francisco Franco de Assis Fonseca  
(Pesquisas Mineraias)  
Guilherme de Almeida Gazolla  
(Pré-Operação Norte)  
Harvey Mauro Espedito do Amaral  
(Compras e Material)  
Heider Sartori Zenóbio  
(Pelotização)  
João Chrisóstomo Belesa  
(Geral da Estrada)  
João Manoel de Carvalho Neto  
(Comunicação Empresarial)  
Juarez Cesar da Fonseca  
(Minas)  
Luiz Fernando Fontes de Mello Leitão  
(Comercial de Ferrosos)  
Marcus Azevedo Mota e Silva  
(Recursos Humanos)  
Mariano Toribio Filho  
(Estrada)  
Murilo César Lemos dos Santos Passos  
(Madeira e Celulose)  
Paulo Augusto Vivacqua  
(Planejamento e Orçamento)  
Pedro Gerpe Arman  
(Controle)  
Renato Gomes Moretzshon  
(Implantação do Projeto Carajás)  
Roberto Faria Costa  
(Secretário Geral)  
Roberto Wolonwsky Kenski  
(Porto)  
Ulisses Rodrigues de Freitas  
(Estudos e Projetos)  
Wilson Nélito Brumer  
(Finanças/Nacional)

## CIA. VALE DO RIO DOCE

Empresa vinculada ao Ministério das Minas e Energia

Sede Av. Pres. Wilson, 231 —  
Tel.: (021) 217-4774 — Rio  
Belo Horizonte-MG: Rua São Paulo,  
351 — Tel.: (031) 201-7011  
Itabira-MG Escritório do Areão —  
Tel.: (031) 831-2800  
Vitória-ES: Av. Governador Bley, 236  
Tel.: (027) 22-6111  
Tubarão-ES: Ponta do Tubarão —  
Tel.: (027) 238-5544

## Um ano bom

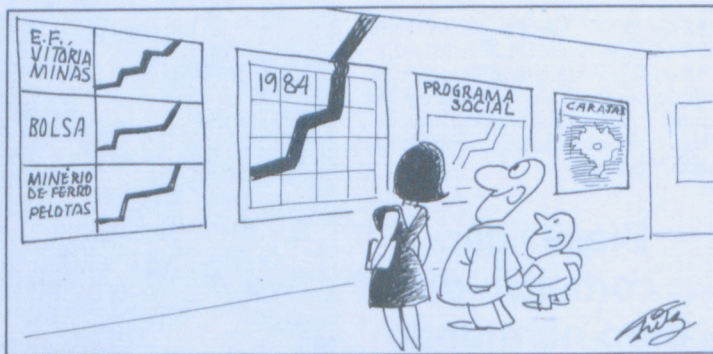
**E**m abril deste ano, aqui mesmo na página 2 do JORNAL DA VALE, afirmávamos que “as previsões, que não foram feitas por astrólogos de esquina, mas por técnicos com os pés fincados na terra”, estavam sendo rigorosamente cumpridas. Agora, podemos ir além: nem os “técnicos com os pés fincados na terra” esperavam que as previsões, mais do que cumpridas, fossem ultrapassadas. A Companhia Vale do Rio Doce encerra o ano com a marca de mais de 70 milhões de toneladas de minério de ferro e pelotas exportadas. Isso, num ano em que alguns economistas preferiam não apostar.

**E**m verdade, 84 foi um ano de recordes. A Estrada de Ferro Vitória—Minas transportou 14,5 milhões de toneladas de carga geral, superando em mais de 20 por cento sua maior marca anterior, registrada em 1980. Nos primeiros 11 meses do ano, o lucro acumulado da Companhia ultrapassou os Cr\$

1,3 trilhão. E a performance da empresa refletiu-se, como não poderia deixar de ocorrer, no mercado de ações: em dezembro, as bolsas do Rio e de São Paulo registraram movimentos recordes em função da negociação de títulos da CVRD.

**M**as a história de uma empresa não se conta apenas com seu balanço contábil. Pelo menos, a história da CVRD não se conta apenas assim. Ela pode ser contada pela preocupação social de sua direção, no caso revelada pelas mudanças administrativas realizadas durante 84; ou pela atenção dedicada ao meio ambiente, tantas vezes demonstrada pela Companhia e sedimentada com a entrega, em setembro, de Cr\$ 680 milhões ao Museu Emílio Goeldi, de Belém.

E, neste 85 que começa, a história da Companhia Vale do Rio Doce será contada, principalmente, por Carajás. Um projeto tão ambicioso como o Brasil. E que, como o Brasil, já nasceu vitorioso.



## Uma página por dia



Com este número, o JORNAL DA VALE está completando 230 páginas publicadas em sua nova fase, iniciada em fevereiro de 84, correspondendo a 12 números mensais, 7 encartes (Valia, Itabira, Vitória, Avaliação de Desempenho, Acordo Salarial, Ponte do Tocantins e o atual História do Ferro no Brasil) e uma edição extra, de 2 páginas, também sobre o Acordo Salarial 84.

Descontando os fins de semana e feriados, tivemos 240 dias úteis no ano passado, portanto o volume de matérias do JV significa a publicação de uma página por dia. Considerando que em jornal se produz o triplo do material que sai publicado, por questões técnicas, evidenciase assim o esforço feito por nossa equipe na prestação de serviços aos leitores/empregados.

Há de se considerar ainda que este trabalho é realizado numa empresa não jornalística, o que nos obriga à contratação de gráficas, laboratórios e profissionais autônomos, com prazos e qualidade para tarefas rigidamente estipulados a fim de se manter o padrão e periodicidade que têm caracterizado o jornal. Em contrapartida, apesar de a publicação ser mensal, nosso tempo de produção é curto.

Um dos fatores de sucesso para o padrão apresentado pelo JV em 84 é a quantidade de notícias e entrevistas, deixando ao leitor a análise dos fatos. O tempo é curto e o espaço também e por isto nos limitamos ao essencial dos acontecimentos para que o empregado tenha uma visão global das coisas. Outra linha de conduta aplicada ano passado no JORNAL DA VALE é a prevenção contra as vaidades pessoais e o culto ao personalismo, embora se respeitem as lideranças naturais, inevitáveis em quaisquer grupos comunitários.

## JORNAL DA VALE

N.º 76 Janeiro/85

Órgão de divulgação da  
Companhia Vale do Rio Doce  
Editado pela Superintendência de  
Comunicação Empresarial (Sucem)

SUPERINTENDENTE:  
João Manoel de Carvalho Neto

JORNAL DA VALE é publicado  
pela Divisão de Imprensa  
da Sucem, com circulação mensal

Rua Santa Luzia, 651 — s/1709  
220-9465 e 217-4774 (DDR)

EDITOR-CHEFE  
Aluizio Flores

Editor-Executivo  
Geraldo Lúcio de Melo

REDACÇÃO: José Roberto Fagundes, Márcia Pontes, Paulo Lima, Renato Thomas da Silva, Sebastião Rosa de Andrade, Vera Lucia Israel e Yolanda Zylberstein • Andréa Carmo Sampaio, Mana Inês Moura (estagiárias).

Correspondentes: Ceomar Paulo Santos (Itabira), Campos de Miranda (Belo Horizonte) e Renato Costa Filho (Vitória).

Colaboradores: Almir Muniz, Alvaro Menezes, Bertholdo de Castro, Carla Cavalcanti, Claudia Dutra, Cléia Regina Cury, Chico Nelson de Oliveira, Denise Assis, Ester Lima, Françoise Verot Amaral, Jorge Chaves, Manuela Santos Neves, Maria Helena Guimarães Pereira,

Marília Abreu, Mario Gustavo Rolla, Regina Lacerda, Silvia Calmon, Sergio Luiz Pereira, Sergio Macedo, Solange Bastos, Thais de Mendonça • Antonio Andrade, Chico Nelson, Cynthia Brito, Ilana Lansky, Paulo Marcos Lima, Douglas Lynch, Sá Grillo e Silvana Louzada (fotografia) • Ezio Speranza, Fritz Granado e Rosa Luci S. Coutinho (arte e diagramação) • Jayme Vieira Orestes e Pedro Paulo Soares Coelho (montagem e arte-final) • Leiser Meth (secretaria industrial)

Revisão:  
Derval Gomes Navarro Dias

Gráfica Carioca  
Rua Moncorvo Filho, 44 • Tel.: 224-2329

Composição: Lido Ferreira  
Rua dos Invalidos, 143 • Tel.: 232-5956

Fotolito: Renart  
Rua Paulino Fernandes, 68 • Tel.: 275-4896



## Vale recebe mais 200 vagões da indústria brasileira até março

A Vale recebe neste trimestre mais 200 vagões da indústria nacional, especializados para o transporte de calcário, manganês, ferro-gusa, rocha fosfática e grãos agrícolas. Desde setembro e até o início deste mês, a empresa já recebeu 600 vagões nacionais, totalizando o lote de 800 unidades fabricadas no País.

Em contrapartida, a CVRD foi autorizada a importar 500 vagões da Romênia, uma das principais compradoras do minério de ferro brasileiro. A aquisição dos 1.300 vagões aumentou a capacidade de transportes de carga geral da Estrada de Ferro Vitória—Minas, além de tornar a ferrovia mais especializada em outros produtos. Os carros são de dois tipos: *drop-botton*, para conduzir calcário, manganês, gusa e rocha fosfática e *hopper*, para produtos agrícolas e outros materiais que necessitem de proteção e cobertura. As empresas brasileiras fornecem 600 vagões *drop-botton* e 200 *hopper* e a indústria romena 200 *drop-botton* e 300 *hopper*.

## US\$ 150 milhões para os Cerrados este mês: mais 150 mil hectares

Foi adiada para este mês a assinatura do contrato de empréstimo de 150 milhões de dólares do Japão ao Brasil para a segunda fase do Programa de Desenvolvimento dos Cerrados — Prodec. O prazo de pagamento será entre 12 e 20 anos, com um prazo de carência não inferior a quatro anos e juros equivalentes a 50 por cento dos praticados normalmente no mercado financeiro internacional. Estes recursos estão à disposição dos produtores para o plantio da safra 85/86.

A estes recursos vão se juntar outros 150 milhões de dólares de capital nacional, permitindo que sejam cultivados 150 mil hectares de terra que poderão produzir cerca de 270 mil toneladas de grãos por ano, gerando uma renda de 55 milhões de dólares anuais, aos preços atuais. Cerca de 500 famílias serão atendidas pelo projeto e cooperativas do Sul do país já manifestaram interesse em participar. As exigências para participação neste projeto são de que os produtores sejam brasileiros, tenham experiência agrícola e se comprometam a morar na área delimitada.

## Carajás: ferro-liga vai ter energia mais barata por 20 anos

A Eletronorte já está autorizada pelo Ministério das Minas e Energia a fornecer energia elétrica subsidiada para a produção de ferro-liga na região do Projeto Carajás durante os próximos 20 anos. A energia será cobrada a preços nunca superiores a 25 por cento do preço final do produto, desde que este valor não ultrapasse o da tarifa normal aplicada pela empresa.

A portaria autorizando este fornecimento foi assinada no mês passado e é semelhante às que garantem energia elétrica para a produção de alumínio na Amazônia. Com ela, o MME pretende incentivar o aproveitamento das grandes reservas minerais da região e o potencial hidrelétrico das bacias dos rios Tocantins e Xingu.

Na página 4,  
mais energia para Carajás

## Vendida toda capacidade de produção de 'pellets'

# Exportação supera 70 milhões t

A Companhia Vale do Rio Doce, Associadas, Controladas e Coligadas encerraram o ano exportando 70.180.530 toneladas de minério de ferro e pelotas, recorde histórico, superando o maior volume até então exportado — 65,5 milhões de toneladas em 1981. As vendas de "pellets" — 16,7 milhões de toneladas — quase atingiram a capacidade total de produção (17 milhões de toneladas anuais) do complexo de pelotização localizado em

Tubarão (ES). O recorde anterior era de 14,3 milhões de pelotas vendidas em 1980. Prevê-se em 85 idêntica performance na exportação.

O transporte de carga geral pela Estrada de Ferro Vitória—Minas também foi recorde em 84, atingindo 14,5 milhões de toneladas, ultrapassando o maior número anterior — 11,9 milhões em 1980. A participação da carga geral no transporte

da EFVM aumentou de 13,5% em 1980 para 15,3% ano passado, gerando uma receita de Cr\$ 310 bilhões, contra Cr\$ 82 bilhões arrecadados em 1983. Foram utilizados 4.285 vagões, incluindo os 600 novos recebidos no fim de 1984, elevando em 20% a capacidade de transporte para carga geral. Este ano prevê-se o transporte de 16,8 milhões de toneladas. A exportação de ferro-gusa atingiu 2,3 milhões de toneladas.

### EXPORTAÇÃO DE MINÉRIO

|              | 1983              | 1984              |
|--------------|-------------------|-------------------|
| Janeiro      | 3.984.425         | 4.396.113         |
| Fevereiro    | 4.667.804         | 5.070.699         |
| Março        | 4.461.351         | 4.955.976         |
| Abril        | 4.875.098         | 6.499.475         |
| Maio         | 4.109.027         | 7.450.893         |
| Junho        | 5.210.584         | 5.703.071         |
| Julho        | 5.200.532         | 6.025.701         |
| Agosto       | 4.997.946         | 6.600.025         |
| Setembro     | 3.925.813         | 6.026.895         |
| Outubro      | 5.452.452         | 6.318.075         |
| Novembro     | 5.461.938         | 5.133.607         |
| Dezembro     | 4.246.242         | 6.000.000*        |
| <b>TOTAL</b> | <b>47.678.012</b> | <b>70.180.530</b> |

### EXPORTAÇÃO DE PELOTAS

|              | 1983              | 1984              |
|--------------|-------------------|-------------------|
| Janeiro      | 631.113           | 1.583.370         |
| Fevereiro    | 621.476           | 1.020.609         |
| Março        | 719.985           | 1.324.430         |
| Abril        | 897.366           | 1.139.569         |
| Maio         | 1.008.709         | 1.263.733         |
| Junho        | 1.074.951         | 1.665.365         |
| Julho        | 1.147.863         | 1.589.440         |
| Agosto       | 1.008.448         | 1.310.234         |
| Setembro     | 743.387           | 1.308.055         |
| Outubro      | 936.516           | 1.414.128         |
| Novembro     | 940.208           | 1.480.203         |
| Dezembro     | 1.436.571         | 1.640.000*        |
| <b>TOTAL</b> | <b>11.246.633</b> | <b>16.700.000</b> |

\* Previsão

### TRANSPORTE DE CARGA — EFVM

|              | 1983             | 1984              |               |
|--------------|------------------|-------------------|---------------|
| Janeiro      | 613.341          | 1.124.669         | 83,37%        |
| Fevereiro    | 626.318          | 1.148.014         | 83,30%        |
| Março        | 697.463          | 1.046.168         | 50%           |
| Abril        | 622.792          | 1.132.174         | 37,60%        |
| Maio         | 869.784          | 1.049.998         | 20,72%        |
| Junho        | 789.333          | 1.169.090         | 48,11%        |
| Julho        | 984.610          | 1.128.978         | 14,66%        |
| Agosto       | 770.482          | 1.343.741         | 74,40%        |
| Setembro     | 963.219          | 1.459.727         | 56,92%        |
| Outubro      | 933.381          | 1.181.362         | 26,57%        |
| Novembro     | 930.807          | 1.377.280         | 47,97         |
| Dezembro     | 983.038          | 1.338.799         | 36,19%        |
| <b>TOTAL</b> | <b>9.947.008</b> | <b>14.500.000</b> | <b>45,77%</b> |

Principais mercadorias transportadas: Aço: 3.562.406; Carvão mineral — 2.349.955; Ferro-Gusa — 2.328.242; e Calcário — 2.382.000.

## EFVM leva aço a Praia Mole

A Estrada de Ferro Vitória—Minas faz este mês o primeiro transporte de produtos siderúrgicos, levando 15 mil toneladas de aço da Usiminas para o Terminal de Praia Mole, de onde serão exportadas para a China. No início do mês passado, a Usiminas começou a utilizar o novo complexo portuário de Vitória, transferindo seus embarques de Capuaba/ Paul. Para isto, pela primeira vez foi feito um carregamento de aço pela ferrovia da Vale, levando 3.700 toneladas do centro de Vitória até Praia Mole, localizado ao lado do Porto de Tubarão. No ano passado, de junho a dezembro Praia Mole embarcou 970 mil toneladas de placas de aço e desembarcou 2.750 mil toneladas de carvão.

## Brasil lidera venda mundial de ferro



Tubarão levou Brasil a recorde

O Brasil exportou ano passado cerca de 86 milhões de toneladas de minério de ferro, dos quais 70.180.530 toneladas através da Companhia Vale do Rio Doce. Com este montante, o País assumiu a liderança mundial do mercado, superando a Austrália, que vendeu aproximadamente 76 milhões de toneladas, segundo levantamento do Sindicato Nacional da Indústria da Extração do Ferro e Metais Básicos.

Para o Diretor de Produção da CVRD, Francisco José Schettino, "a confiança dos compradores no produto oferecido pela Vale, a

qualidade do minério e a segurança nas entregas, foram os fatores que levaram a empresa, apesar da recessão, a atingir a posição a que chegou. A marca de 70 milhões de toneladas exportadas foi obtida sem que houvesse maiores aumentos do custo operacional".

A recuperação da economia norte-americana e da europeia, somada ao aumento da produção mundial de aço contribuíram para a elevação no consumo mundial de minério de ferro do Brasil, na opinião de técnicos do Sindicato.



## ECONOMIA &amp; FINANÇAS

## Uma receita: menos donos, mais sócios

Luiz Cesar Faro



Num momento em que a tônica de debate nacional são as mudanças e diversas reformas institucionais são tidas como certas a maior integração entre os empregadores e trabalhadores deve ser considerada uma pauta obrigatória nas discussões sobre modelos econômicos, sociais e políticos. Fala-se em pactos de preços, salários e juros, mas, raramente, discute-se, sem algum viés ideológico, a questão da propriedade e, em última instância, do capital. Um modelo que vem cada vez mais sendo utilizado é o da pulverização do capital. Seu instrumento seria o mercado acionário. E seu objetivo final a convergência entre trabalhadores e empregadores dentro da unidade de produção. Em síntese: menos donos, mais sócios. E, de preferência, os próprios trabalhadores. A ideia, para alguns, possivelmente esbarraria nas dificuldades de operacionalização que encontraria num capitalismo, basicamente, familiar, como é o brasileiro. Mas existem fórmulas, já utilizadas com sucesso, merecedoras de, no mínimo, maior divulgação. Um número recente da revista Fortune relata algumas delas. "A firma H J Heinz & Co., que conta com 70% de participação dos seus empregados (incluindo todas as subsidiárias nos Estados Unidos) no seu plano de aquisição de ações, coloca 100% até os primeiros 3% do salário do empregado que sejam investidos nas suas ações".

Como alternativa podem ser oferecidos descontos. "A IBM, que desde 1959 já patrocinava a participação acionária dos empregados, oferece suas ações aos funcionários na base de 85% do preço médio do mercado, conforme determinado no dia de compra (cerca da metade dos seus 330 mil empregados aptos pelo plano são compradores)". No Brasil, a ideia engatinha, mas já tem notórios defensores. O professor Octávio Gouvêa de Bulhões, por exemplo, defende uma fórmula de participação dos empregados no capital das empresas:

"Admitamos que dos lucros retidos, no valor de Cr\$ 1.081 bilhões, Cr\$ 500 bilhões fossem destinados a reinvestimentos com a correspondente entrega de ações aos empregados. O capital das empresas seria aumentado em Cr\$ 500 bilhões, em correspondência à igual soma aplicada em investimentos. A repetição dessa operação daria grande impulso ao crescimento da produção nacional, ao aumento de emprego, e ao acréscimo de lucros das companhias".

● O ex-ministro da Previdência Social e Desburocratização, Hélio Beltrão, integrante da comissão que está elaborando sugestões para um plano de Governo do candidato Tancredo Neves, defende que os próprios trabalhadores administrem os seus recursos do PIS/Pasep. Eles poderiam ser convertidos em planos de fundos de pensão, no caso do empregador estar ligado a alguma instituição de previdência privada fechada, ou então serem administrados em uma carteira própria, através de planos de aposentadoria individuais. Se depender de Beltrão, o PIS/Pasep vai mudar em 1985.

● O professor Ignacio Rangel, decano dos economistas brasileiros, bate na tecla de que é necessário privatizar alguns serviços públicos para que a economia volte a crescer de forma auto-sustentável.

## Descentralização atinge área nacional e internacional

## Vale agiliza sistema financeiro

"A partir de agora, a Vale vai crescer muito na área internacional e um exemplo disto é a sua participação acionária na Usina Siderúrgica de Fontana, na Califórnia".

"A atividade financeira ficou mais complexa e cresceu muito a captação de recursos da Vale no mercado financeiro."

Estas são as previsões e análises feitas respectivamente pelo Superintendente da Sufex, Euclides Penedo L. Borges (responsável pela área internacional) e da Sufin, Wilson Nélito Brumer (que atua no Brasil). E foi exatamente o aumento da participação da Vale no mercado financeiro que obrigou a antiga Superintendência de Finanças a ser subdividida em 1984.

Brumer ressalta que cada vez mais a atividade financeira fica descentralizada na Vale. Apesar de 60% das aplicações da companhia ainda serem feitas no Rio, já existem órgãos financeiros em Vitória, Belo Horizonte, Itabira, Araxá, Marabá, Serra dos Carajás, São Luís e Belém.

"E agora, com a conclusão de Carajás, novas atividades financeiras terão de ser criadas no Norte. É importante que cada vez mais sejam criados sistemas financeiros mais ágeis, que



Brumer

atendam às necessidades da empresa, e que possibilitem uma aplicação dos recursos no momento certo", explica Wilson Brumer.

Entre os planos de Brumer para a Sufin em 85 está a instalação de um sistema *on line* para agilizar o sistema de ações, através do uso de computadores.

## ÁREA EXTERNA

Euclides Borges também está descentralizando a área internacional das finanças da Vale. E cita como exemplo a criação do Departamento de Controle e Planejamento Financeiro Externo, a 1.º de dezembro.

"O órgão tem exatamente essa finalidade: descentralizar a



Borges

administração financeira e ao mesmo tempo dar um tratamento mais técnico à movimentação de recursos da CVRD em moeda estrangeira".

Brumer acrescenta que "existe uma preocupação de, cada vez mais, incentivar o relacionamento financeiro entre as várias coligadas e controladas. Para isso, já existe dentro da Sufin um sistema de apoio financeiro para, em eventuais dificuldades de caixa, uma controlada ou coligada *salva a outra*".

Borges informa que a Sufin/Sufex também "têm uma participação em comitês de finanças em outras empresas do grupo e na diretoria da Empresa Internacional de Finanças da Vale (RDF), com sede em Grand Cayman".

## Controle de material no rumo da automação

A Divisão de Planejamento de Material (Dipec) vem trabalhando para que, num futuro breve, o simples apertar de um botão de computador seja suficiente para apresentar a descrição de qualquer um dos 400 mil materiais em utilização na Vale, desde um alfinete até uma locomotiva. Esta caminhada rumo à automação vai agilizar o serviço.

No momento, ao requisitar um material, por mais simples e corriqueiro que seja o seu uso, o empregado movimenta uma engrenagem que envolve uma série de nomes, códigos, técnicos de administração, manuais, catálogos, profissionais especializados, estudos específicos de cada área e até computadores. E uma simples falha pode resultar no não atendimento do pedido ou a entrega de outro objeto.

Walter Bianchi, Gerente da Dipec, afirma que a especificação do material, para sua posterior codificação, é fundamental ao atendimento das necessidades da empresa. Atualmente as especificações se encontram dispersas em formulários, contendo a medida, referência do fabricante e descrição sucinta de cada item. Para melhorar e facilitar o serviço, a Dipec pretende estabelecer a descrição detalhada do material empregado na CVRD, para alimentar seu Centro de Processamento

de Dados, de modo que de maneira simples e rápida se tenha uma visão completa de cada artigo, possibilitando a imediata emissão de requisição e, conseqüentemente, a ordem de compra do material solicitado.

Os itens cadastrados terão que ser trabalhados, para que se obtenha padrões de descrição de material. E pela codificação se poderá conseguir uma linguagem padrão na área do material, tendo-se a referência de cada artigo. Isto permitirá um perfeito desempenho na previsão, aquisição, recebimento, distribuição e inventário do material.

Contudo, esclarece Bianchi, não basta apenas que o material seja codificado, sendo preciso ainda catalogá-lo com todas as informações num banco de dados, para que se possa recuperá-las através de relatórios e terminais remotos de consulta.

Enquanto a automação não chega, a Dipec se encarrega de emitir e manter sempre atualizados os manuais de padronização, obtidos através de grupos de trabalho com técnicos das áreas de Manutenção, Material e Compras. Desta forma, todos os setores da empresa têm conhecimento do material disponível, podendo solicitar qualquer um dos 400 mil existentes, número que cresce a uma taxa de 0,5% por mês, sem erros.

## Reserva aplica Cr\$ 8,5 bilhões no Rio Doce

A Reserva para o Desenvolvimento da Zona do Rio Doce (RDZRD) aplicou Cr\$ 5,49 bilhões no Estado de Minas Gerais em 1984. A maior parte destes recursos — Cr\$ 2,94 bilhões — foi emprestada para projetos de infra-estrutura social e urbana. Foram aplicados também Cr\$ 1,48 bilhão, a fundo perdido, em programas de saúde, educação, assistência social, saneamento e melhoria de rodovias.

O Estado de Minas, que tem direito a 70% da verba da Reserva, foi beneficiado também com o investimento de Cr\$ 911,82 milhões em projetos de infra-estrutura econômica (reflorestamento, projetos industriais, distritos industriais), além de Cr\$ 149 milhões dirigidos a estudos e pesquisas.

A Reserva aplicou no Espírito Santo Cr\$ 3,088 bilhões, sob a forma de empréstimos e a fundo perdido. A maior verba — Cr\$ 1,421 bilhão — foi destinada a estudos e pesquisas e os projetos de infra-estrutura social e urbana receberam empréstimos de Cr\$ 1,056 bilhão. Sob a forma de aplicações a fundo perdido, a Reserva destinou Cr\$ 373,791 milhões para estudos e pesquisas, Cr\$ 196,243 milhões para projetos de infra-estrutura social e urbana e Cr\$ 40,936 milhões para problemas de infra-estrutura econômica.



*Mercado foi favorável em 84 e promete melhorar*

## É hora de ação. Na Bolsa

O ano de 1985 pode desde já ser chamado de o "Ano das Ações".

A expectativa é de que nas três pontas do tripé que compõem o mercado de valores mobiliários — empresas, intermediários financeiros e investidores — ocorra um excepcional desenvolvimento, com um grande fluxo de poupanças dispersas para as Bolsas de Valores.

E existem indicadores e análises confiáveis configurando, antecipadamente, esse cenário de bonança do mercado de ações.

No plano macroeconômico, é possível se afirmar que, pela primeira vez nos últimos dez anos, existem condições concretas para um desenvolvimento auto-sustentado do mercado de valores mobiliários, a despeito das renitentes taxas inflacionárias.

Essa avaliação tem por base não somente o consenso entre os mais diversos especialistas de que o país apresentará um crescimento positivo, no próximo ano, mas também — e principalmente — a extinção das linhas de crédito subsidiado e as evidências de que as taxas de juros deverão manter-se em níveis elevados.

Os dois últimos fatores permitem antever que a grande procura das empresas pela capitalização através do mercado acionário, esboçada em 1984, deverá ser uma característica marcante em 1985.

As empresas vêm também, por sua vez, dando provas de que, após três anos de crise, com crédito escasso e caro e forte contração de demanda, estão se ajustando aos novos tempos com uma eficiência inesperada. No período de 1980 a 1983, segundo levantamento realizado pela Centralização de Serviços dos Bancos (Serasa) junto a um universo de 50 mil empresas, estabelecimentos privados de todos os setores da economia conseguiram reduzir seu endividamento que diminuiu, na média, cerca de 42%. E mais: de acordo com pesquisa realizada pela empresa de consultoria Marmo Trevisan junto a homens de finanças, no II Encontro Anual de Executivos Financeiros, em São Paulo, 96% das empresas consultadas esperam fechar o balanço anual com lucro real. Apenas 4% esperam encerrar o ano de 1984 com seus resultados ainda no vermelho.

A perspectiva de bons lucros é também a de melhores condições para a captação de recursos estáveis no mercado de ações, conforme lembra o gerente de operações do Codimec, Roberto Gomes Pereira. Ele ressalta que é a compreensão do mercado acionário como instrumento de capitalização que tem estimulado os empre-



sários a recorrerem ao mercado para obtenção dos recursos necessários a novos investimentos.

"E o ano de 1984 foi um verdadeiro marco do aumento de captação, pelas companhias, no mercado acionário."

O diretor da Associação Brasileira das Companhias Abertas — Abrasca —, Rogério Martins, dá os números que estão empolgando os especialistas:

"Em 1980, a emissão de novas ações correspondeu a uma captação de Cr\$ 34 bilhões; em 1981, ela desceu para Cr\$ 27 bilhões; em 1982 se elevou a Cr\$ 85 bilhões; e em 1983, chegou a Cr\$ 145 bilhões. Os valores não estão corrigidos, mas, ainda assim, dão para se ter uma idéia do salto experimentado pelo mercado, neste ano, quando a captação já alcança Cr\$ 1,4 trilhão."

Segundo Martins, a este volume pode-se agregar os Cr\$ 180 bilhões de ações do Banco do Brasil, que embora subscritas desde o ano anterior, somente foram negociadas no mercado este ano, mais Cr\$ 80 bilhões de ações da Copene, transacionadas no mercado pelo BNDES, e Cr\$ 90 bilhões da Companhia Vale do Rio Doce, de debêntures convertidas em ações.

"O que é mais importante — destaca Martins — é que existem ainda diversos novos pedidos de lançamentos registrados na Comissão de Valores Mobiliários e várias empresas se preparando para adotar o mesmo procedimento, o que já garante bons dias para o mercado em 1985."

Se na ponta da abertura de capital e dos novos lançamentos de ações há motivos de sobra para o otimismo, também em relação à rentabilidade dos títulos não falta entusiasmo. Isto porque, comparadas às aplicações em outras opções de investimentos mais conhecidas (open market, caderneta de poupança, ouro e dólar), as ações tiveram rentabilidade muito superior nestes últimos anos. Em tempo: as aplicações no mercado aberto renderam, de 1981 até hoje, cerca de 2.331%; as cadernetas de poupança, 2.913%; o ouro, 2.408%; o dólar, 4.042%; e as ações, segundo os índices das Bolsas de

Valores do Rio de Janeiro e São Paulo, 6.914% e 6.272%, respectivamente.

A agitação nas Bolsas é plenamente justificável. Fazendo uma retrospectiva, pode-se verificar que elas estão em alta há quase 17 meses, tendo havido, neste período, apenas três intervalos de queda mais acentuada: fevereiro, junho e setembro. Desde o princípio da década de setenta que o mercado não vive um período de tanta euforia.

Com relação aos investidores individuais, eles voltam a afluir ao mercado em número crescente. Agora, com maiores facilidades para realizarem as aplicações em ações, graças à consolidação da indústria de clubes de investimento e o ingresso das agências bancárias na colocação de lançamentos primários de ações.

Os clubes de investimento são, possivelmente, o principal acontecimento de 1984 — e que já se debruça sobre 1985 — no mercado de ações. Um dos tradicionais problemas da intermediação nesta área sempre foi a compatibilização do elevado custo de administração de uma carteira de ações pelas instituições financeiras e o interesse dos investidores em aplicar somas modestas no mercado, apenas para diversificar seus investimentos. Devido a esse dilema, muitos postos de atendimento e venda de ações de instituições do mercado foram desativados e o investidor individual foi afugentado. A imagem criada foi a de que o investimento em ações, devido a sua complexidade, risco e exigência de disponibilidade de recursos era restrito a uma pequena elite da sociedade.

Com a criação dos clubes de investimento, porém, esse nó do mercado foi desatado: várias pessoas podem se cotizar num fundo, cuja soma compensa o custo da administração da carteira de ações pela instituição financeira, e participar do mercado. Hoje, já existem mais de 500 clubes de investimento em todo o Brasil, que certamente foi a modalidade de aplicação que mais cresceu no ano de 1984.

Luiz César Faro

*Jequitinhonha em estudos*

## Vale e Indi fazem levantamento de recursos naturais

Está em execução um amplo levantamento dos recursos naturais do Vale do Jequitinhonha pelo Instituto de Desenvolvimento Industrial de Minas Gerais (Indi), em convênio com a Companhia Vale do Rio Doce, com interveniência da Florestas Rio Doce. Os estudos pretendem identificar as oportunidades de reflorestamento, agricultura, mineração e industrialização numa área inicial de 29.268 Km<sup>2</sup>, abrangendo 17 municípios. O valor do convênio, em sua primeira fase, é de Cr\$ 80 milhões.

O Presidente da Florestas Rio Doce, Carlos Eugênio Thibau, informou que, "além do desenvolvimento florestal, agrícola e industrial da região, objetiva-se integrar os Vales do Jequitinhonha e do Rio Doce, através de rodovias, para que haja melhor escoamento dos produtos do Nordeste mineiro até os centros consumidores, especialmente o Vale do Aço, que tem grande consumo de carvão vegetal". A CVRD irá fazer o levantamento da infra-estrutura de transportes e dos recursos minerais no Jequitinhonha. Planeja-se ainda implantar usinas de ferro-gusa e ferro-silício na região.

Para a execução dos trabalhos foi criado um Comitê constituído pelos: Presidente do Indi, Diretor de Agro-Indústria e Química do Indi, Diretor Industrial da CVRD, Presidente da FRD e o Diretor de Desenvolvimento da FRD. O Comitê irá planejar, organizar e controlar o levantamento.

O Indi se encarregará dos estudos relativos ao levantamento e distribuição espacial, infra-estrutura social e estrutura agrária. A CVRD se incumbirá do levantamento da infra-estrutura de transportes para escoamento dos produtos e da análise dos dados existentes sobre os recursos minerais do Vale do Jequitinhonha.

O Indi e a CVRD, em conjunto, estudarão as alternativas de utilização dos principais reflorestamentos, sua integração com outros recursos naturais da região e o desdobramento das atividades atuais no próprio Jequitinhonha, ou no Vale do Rio Doce.

## 'Florestas' amplia trabalhos na área

A Florestas Rio Doce S.A. (FRD) possui 150 mil ha na região do Jequitinhonha que são ocupados por 37 mil ha de reflorestamentos, 42 mil ha de reserva florestal natural em regime de produção sustentável de carvão vegetal (32 mil Mdc/ano). Além disso incrementa a pecuária já contando com mais de duas mil cabeças.

"Os trabalhos da FRD no Jequitinhonha abrangem tanto os aspectos fundiários como os relacionados com a infra-estrutura de transportes considerados ainda os constantes desafios edáficos (qualidade da terra) e climáticos, que inclusive determinaram a inclusão do município de Grão-Mogol na área de atuação da Sudene", informa o Presidente da empresa, Carlos Eugênio Thibau.

A FRD tem carta-consulta na Sudene para estabelecer a Termocel do Jequitinhonha, fábrica que utilizará os reflorestamentos na produção de 100 mil toneladas/ano de pasta celulósica no processo quimitemomecânico. Pesquisa-se com intensidade as melhores raças locais para os pinus e eucaliptos, e a produção de óleos vegetais para energia.

A FRD ocupa diretamente 420 empregados na região e deverá duplicar este contingente à medida que implementar os novos projetos.





O maquinista terá a supervisão do CCO

### Controle na ferrovia

## Equipamentos do CCO já estão em Carajás

Já começaram a chegar a Carajás os equipamentos do Centro de Controle Operacional (CCO) da estrada de ferro e as primeiras unidades remotas do Sistema de Transmissão de Dados (STD), que fazem parte do Sistema de Controle Centralizado, cujo índice de nacionalização é de 100%.

Numa conjugação de esforços entre a Vale, consultores e fabricantes brasileiros especializados na área, toda a engenharia de *hardware* e *software* do Sistema de Controle Centralizado é nacional e custou cerca de US\$ 4 milhões, incluindo o Sistema de Transmissão de Dados para codificar os comandos e informações, e transmiti-los entre o Centro de Controle Operacional e o campo. A partir do CCO, situado no pátio terminal de Ponta da Madeira, em São Luís (MA), será controlada a maior extensão ferroviária do mundo, num total de 890 km.

Segundo a política de incentivo à indústria nacional de equipamentos, 75% do Sistema de Controle de Tráfego (SCT) da estrada de ferro foram fabricados no Brasil, tendo custado aproximadamente US\$ 30 milhões. Somente os componentes que não existem no mercado nacional foram importados. Também serão fabricados por indústrias brasileiras, com projeto da Vale, os equipamentos de cab-sinal/ATC, que serão instalados nas cabines das locomotivas. Além da sinalização para orientar o maquinista, o equipamento supervisionará a velocidade do trem, parando-o quando o limite for ultrapassado.

O Sistema de Telecomunicações, com índice de nacionalização de 100% e a um custo estimado em US\$ 25 milhões, é constituído por uma rota de microondas com 24 estações, que liga São Luís a Carajás. Embora tenha sido implantado para atender aos Sistemas de Controle Central e de Controle de Tráfego, será usado também como principal sistema de comunicações do complexo Carajás. Sua capacidade é de 900 canais e foi firmado acordo entre a CVRD e as Companhias Telefônicas do Pará (Telepará) e do Maranhão (Telma) para utilização do sistema, que já atingiu Marabá, devendo ser completado agora no início do ano. Em virtude da precariedade dos sistemas de comunicação existentes na área, será de grande utilidade para a região. A partir da rota de microondas, serão usados enlaces rádio UHF para atender os pátios ao longo da ferrovia, a serem instalados junto com o Sistema de Controle de Tráfego.

O Sistema de Controle de Carajás inclui ainda o de energia, constituído por retificadores, baterias, quadro e grupos motor-generador. Em caso de falta de energia, ele alimentará os equipamentos dos demais sistemas.

Os 53 estagiários selecionados pelo Programa de Capacitação Operacional (PCO) de Carajás começam este mês o treinamento prático no Sistema Norte II, em São Luís. A quinta etapa do Programa — treinamento prático no Sistema Sul — foi encerrada no dia 21 de dezembro. Depois da fase que se inicia agora, restará apenas o treinamento teórico II, também em São Luís.

### Feira reúne peças que Brasil importa

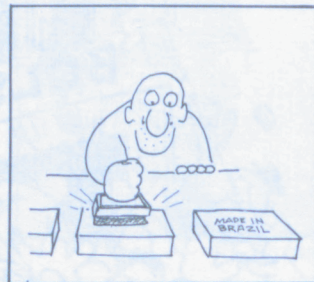
## Trens nos trilhos da nacionalização

Cento e trinta e sete peças e equipamentos para locomotivas foram expostos pela Vale na I Feira de Nacionalização Metrô-Ferroviária, realizada mês passado, em São Paulo. Todo o material é importado, mas depois desta exposição poderão ser fabricados por empresas nacionais.

Para o engenheiro Dilson Leite, chefe da Assessoria de Materiais e Compras da Sumat, a feira já deu bons resultados: muitas das 142 empresas que visitaram os estandes montados na Estação da Luz já entraram em contato com a Vale e formalizaram propostas de fornecimento de equipamentos.

"Só a Topnave, uma empresa do Rio do setor metal-mecânico, habilitou-se formalmente a desenvolver 35 dos itens expostos pela Vale na feira. Mas pelo menos umas dez outras firmas telefonaram para a Assessoria em busca de detalhes, informou Dilson Leite.

O chefe da Assessoria de Materiais e Compras da Sumat considera que a feira, promovida pela Associação Nacional de Transportes Públicos, terá cumprido seus objetivos se, pelo menos, metade dos materiais



expostos for nacionalizados. "As empresas visitantes mostraram-se muito interessadas em nacionalizar os itens mecânicos das locomotivas GM. Se isso acontecer, não só o país economizará divisas, como será possível criar novos empregos e desenvolver tecnologia nas empresas de pequeno e médio portes."

De qualquer jeito, o trabalho mais difícil começa agora. A Vale vai avaliar as reais possibilidades dos fabricantes produzirem as peças; analisará o desempenho de cada empresa e estudará os protótipos apresentados. Dependendo da peça, esse processo poderá durar mais de um ano.

"Mas as vantagens obtidas no trabalho iniciado agora não serão só da Vale. Todo o setor metrô-ferroviário será beneficiado" — afirma Dilson Leite.

### Programa racionaliza uso de energia

## CCE mobiliza recursos para reduzir consumo

A Comissão Central de Energia (CCE) da Vale continuou em 84 com o programa de substituição e racionalização do uso de óleo combustível e com as campanhas para economizar energia elétrica. Todos os recursos foram utilizados: cursos ao pessoal envolvido na operação de máquinas, campanha pela televisão em Carajás, com um apelo para a redução do consumo de eletricidade, e até a mudança de lugar de interruptores e portas de salas para poupar energia.

Nesta tarefa de conseguir um melhor aproveitamento energético, as Comissões Internas de Conservação de Energia (Cices), sob a coordenação da CCE, realizaram uma série de projetos durante este ano. Das Cices fazem parte as Superintendências de Pelotização (Supel), das Minas (Sumin) e da Estrada (Suest), bem como as Coordenadorias da Estrada de

Ferro Carajás (Cofeb) e das Minas de Carajás (Comib).

A Supel deu prosseguimento ao programa de óleo combustível por três fontes alternativas: madeira seca pulverizada, gás de coque e resíduo de destilação de petróleo. Entre as modificações realizadas pela Sumin, as mais importantes foram a recuperação de óleo em tanques com aquecimento para utilização em filtros-prensa. Por sua vez, na Suest continuam os estudos e testes visando alternativas para o consumo de óleo diesel puro em locomotivas.

A Cofeb vem buscando o controle do consumo específico de energia em cada equipamento e fazendo a avaliação dos planos de manutenção de geração e de distribuição de energia. E a Comib segue na campanha de conscientização sobre a necessidade de racionalizar o uso de energia.

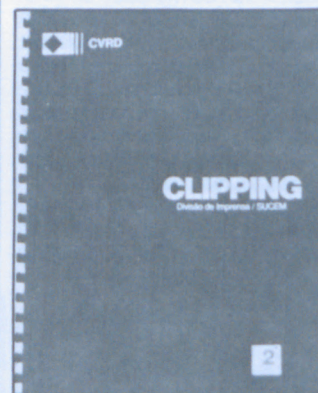


### CCQs recebem homenagens

A Superintendência da Estrada homenageou os participantes dos Círculos de Controle de Qualidade (CCQs) no último dia 19, no Edifício Fábio Ruschi, em Vitória. Presentes todos os empregados da Suest e representantes da Superintendência de Comunicação Empresarial.

A direção da Suest, em reconhecimento pelos eficientes trabalhos prestados, entregou medalhas e diplomas a todos os integrantes dos Círculos. E sobre os três melhores grupos foram impressos mil "folders" com o resumo dos trabalhos, sendo dados aos seus integrantes para posterior distribuição. Em razão dos bons resultados obtidos pelos CCQs, a Vale pretende estimular o desempenho deles em todas as áreas da empresa este ano.

### Divulgação mais ampla: Clipping



A publicação **Releases & Notícias** agora chama-se **Clipping**, para enquadrar uma série muito maior de assuntos. Ela pretende ser um reflexo das atividades da Divisão de Imprensa em todos os seus setores e nas regiões onde atua, proporcionando uma visão mais ampla possível de seus contatos com os órgãos de divulgação nacionais e estrangeiros.

### TV em Minas

A TV Minas Cultural e Educativa, canal 9, foi inaugurada, dia 8, pelo Governador Hélio Garcia e o Secretário de Cultura, José Aparecido de Oliveira. A nova televisão está funcionando no Palácio das Artes.

### 'Mergulhão' sai

A CVRD julga, no início de fevereiro, as 21 propostas das empresas concorrentes às obras do "Mergulhão", no cruzamento da EFVM com a Avenida Minas Gerais, em Governador Valadares. O viaduto rebaixado, que será construído sob a EFVM e terá uma extensão de dez metros e duas vias de acesso, vai custar cerca de dois bilhões e 200 milhões de cruzeiros e deverá estar pronto em um ano. A Ferrovia funcionará normalmente durante a construção do "Mergulhão" mas o tráfego da Av. Minas Gerais será interrompido e desviado para a Rua Barão do Rio Branco.



## O empregado como meta

Paulo Lima

Chegamos ao fim do ano de 1984, no qual a nossa empresa consolidou-se no mercado nacional e internacional como uma das maiores instituições deste país e do mundo.

Um ano de transição política e social, em que já se sente no pensamento de todos a necessidade de uma aglutinação maior em torno de novas idéias e posturas, não só sociais como também administrativas.

O ciclo tecnológico da CVRD, de passado brilhante e próspero, deixou em todos nós a certeza de um futuro cheio de sucessos e recordes, tornando-nos cada vez mais respeitados em todas as comunidades tecnológicas do mundo. Nossa ferrovia é modelo, o porto opera em condições cada vez mais eficientes e a mina se esmera na qualidade do produto produzido; o Projeto Carajás é coroado pelo seu custo reduzido e pelos seus prazos alcançados. Assim é a nossa empresa, onde o desafio é uma rotina e o resultado é a torcida para um novo desafio.

Inspirada na forma progressista como sempre colocou em seus projetos, a Diretoria da empresa não tardou em iniciar uma reformulação e aprimoramento em seu modelo administrativo e social.

É do conhecimento de todos as limitações impostas por uma política mais governamental que inibe as empresas brasileiras no encaminhamento de assuntos de interesse dos seus empregados.

Consciente desta situação, a empresa optou por auscultar seus empregados, a fim de obter um melhor posicionamento de seus anseios e questionamentos. Essa aproximação tornou latente o clima de expectativa no corpo de empregados por medidas eficazes e necessárias que beneficiem a todos indistintamente. Essa preocupação fez com que algumas medidas já começassem a ser tomadas e alguns programas já se encontram em adiantada fase de elaboração.

Dentro deste enfoque é que projetos de assistência social, preparação, aposentadoria, lazer, comunicação, criação de Cooperativas de Consumo, aproximação com Entidades Esportivas e Culturais, Viagens em Áreas Operacionais, Projeto Jubileu, entre outros estão sendo elaborados e discutidos.

O Projeto Lazer, já em fase final de apresentação, contempla uma política de lazer criando uma nova mentalidade no uso dos equipamentos esportivos existentes.

O Projeto Assistência Social contém toda a formalização das diretrizes, estruturas e metodologia de ação, desenvolvidas em programas relativos às necessidades humanas e sociais do pessoal da empresa.

As Cooperativas de Consumo, idealizadas pelos empregados, são outro item de destaque na preocupação do corpo diretivo da empresa, que procura dentro de limitações atender ao solicitado.

As entidades esportivas e culturais ampliaram a aproximação com a empresa e vários eventos esportivos aconteceram.

Sabemos que isto não é tudo, a necessidade da ordenação nos caminhos a seguir requer uma formulação maior.

Acreditamos na urgência de se sistematizar os procedimentos administrativos e sociais, a fim de não se trabalhar em cima de casuísmo. Esta é a meta para os próximos anos, a valorização do homem.

Paulo Lima é Gerente do Departamento de Comunicação Interna



Controladas e Coligadas vão participar

## Programa de visita às áreas volta ampliado

O programa de visita às áreas operacionais da CVRD será ampliado a partir de março quando volta a ser feito, com a inclusão de empregados das Controladas e Coligadas. No ano passado, cerca de 400 empregados da Administração Central estiveram em Belo Horizonte, Itabira e Vitória e percorreram a Estrada de Ferro Vitória—Minas, conhecendo todo o Sistema Sul da empresa.

O Supervisor de Relações Públicas do Departamento de Relações Internas da SUCEM, Ricardo Coutinho, informa que "o critério básico vai permanecer, isto é, o pessoal do Quadro Geral, que tem formado a maioria das turmas, vai continuar tendo preferência porque tem poucas oportunidades de conhecer a Companhia, como o

pessoal do Quadro Técnico, que viaja mais a serviço".

O programa começou em fevereiro de 84, dura uma semana e desde o segundo semestre do ano passado incluiu empregados da Valesul, de São Paulo e de Belo Horizonte. Os grupos são formados por 25 pessoas e saem mensalmente do Rio para BH e Itabira, onde tomam o trem da EFVM.

Nem a chuva desanima as crianças

## Papai Noel, super-heróis e brindes: Natal na Vale

Apesar da chuva que caiu na tarde de sexta-feira, 14 de dezembro, a festa de Natal dos empregados da CVRD e seus filhos, realizada no Clube dos Metroviários, no Estádio, foi um sucesso.

Teve de tudo na festa. Teatrinho e circo com palhaço, cachorrinhos amestrados, grupo de break, Papai Noel e vários super-heróis. Foram distribuídos gratuitamente cachorro-quente, algodão-doce, pipoca, sorvete, pizza e 10 mil refrigerantes.

O ginásio do Clube dos Metroviários foi todo enfeitado com balões de gás e fitas verdes para receber as crianças. Na

área livre do clube, foi montada uma barraquinha com vários presentes para serem distribuídos às crianças.

Cada pessoa, na entrada, recebeu um vale — que dava direito a comer e beber — e um bilhete para concorrer ao sorteio de 10 cadernetas de poupança do Banco Nacional (de Cr\$ 50 mil, cada) e uma TV em cores.

Arnaud Rodrigues e Cininha de Paula comandaram o espetáculo e brincaram com as crianças. Um dos sucessos da tarde foi o balão pula-pula com formato de canguru, armado no quintal do clube. E Papai Noel, que encerrou a festa, desejando a todos muita paz, muito amor e harmonia no Ano Novo.



O balão pula-pula fez sucesso



Arnaud comanda a festa

Sexta na Aerd

## O encontro só acaba quando apagam a luz

Se é verdade que festa boa só acaba quando o dono da casa apaga a luz, o "Ponto de Encontro", reunião que a Aerd realiza em sua sede todas as sextas-feiras a partir das 18h30min, já pode ser considerado um sucesso. Porque é exatamente o que acontece lá, às 21h30min: como o condomínio do prédio não permite atividades depois desta hora e o pessoal não se conforma com o fim do samba, a solução encontrada por Dirael Pereira, diretor social da Aerd e um dos idealizadores da festa foi, simplesmente, apagar as luzes.

O "Ponto de Encontro" foi criado no início do ano passado e a idéia era reunir o pessoal da CVRD no começo do fim de semana para uma confraternização. As primeiras reuniões eram animadas por grupos de seresteiros e, como a moda pegou, logo surgiram outros grupos. Hoje, as noites de sexta-feira apresentam os sambistas do Som Vale, os boleros e foxes do Conjunto Jairo Maia e as canções de Paula, sempre acompanhada pelo violão de Roberto. Tudo regado a cerveja — são consumidas dez caixas a cada Encontro — e alimentado por 20 quilos de sardinhas fritas.

"Esta é a melhor higiene mental que existe". A opinião é de Ricardo Conceição, o mais antigo empregado da Vale, com 40 anos de serviço. Outro veterano, Pedro Pereira, na Vale há 28 anos, prefere jogar sinuca enquanto seus companheiros dançam no salão. E, como Ricardo, não dispensa uma reunião. "Nunca vi nada igual. Nunca fiz tantas amizades".



Dirael Pereira

## Coopvale eleva teto

A Cooperativa de Economia e Crédito Mútuo dos Empregados da CVRD (Coopvale) informa: o limite de empréstimo passou de Cr\$ 702 mil (novembro) para Cr\$ 800 mil (dezembro), com a taxa de juros permanecendo em 3% ao mês. A entidade anuncia que o volume de empréstimos subiu de Cr\$ 114.822.816,00 (dezembro/83) para Cr\$ 454.843.066,00 (até novembro/84), superando os índices de inflação e correção monetária em igual período.



## CARTAS

• "Após alguns meses do falecimento do meu esposo Mário Teixeira, ex-funcionário desta Companhia, só hoje, consegui concatenar o meu pensamento depois da depressão que senti por tão inesperado golpe.

Assim, venho com meus filhos e neto agradecer as inúmeras provas de carinho e consideração que recebemos como conforto, por telegramas, cartas e presenças não só dos colegas como também da diretoria desta empresa. Agradecemos também a consideração e o carinho que sempre envolveu o Mário quando em vida e continuará envolvendo-o no Espaço.

Desejando a todos que aí trabalham um Natal pleno de felicidade e um Ano Novo com muita paz e prosperidade, subscrevo-me mais uma vez agradecida".

**Beatriz Teixeira e família.**

• "Senhor Diretor:

Tenho o prazer de cumprimentar V.Sa. e solicitar que nos seja enviado pelo menos um exemplar do "house-organ", seja jornal ou revista, editado para o público interno ou externo desta instituição.

O exemplar ou exemplares serão úteis aos nossos estudos de Relações Públicas, além de passarem a constar do nosso acervo, com base nas ações que orientam a Associação Brasileira de Editores de Jornais e Revistas Empresariais".

**Laboratório de Relações Públicas**, do Departamento de Comunicação — Universidade de Brasília.

**Correspondência para**  
**Françoise Vernot**

### Esclarecimento

No JORNAL DA VALE de dezembro (n.º 75) na matéria "Suman organizará política florestal" (pág. 9), onde está escrito "numa usina a ser instalada na região para produzir carvão mineral", leia-se para produzir carvão vegetal.

### Novo sistema para cobrir despesas médicas

## Consulta e tratamento têm desconto em folha

Desde o último dia 1.º de dezembro os empregados podem fazer consultas e tratamentos médicos necessários, descontando em folha, respectivamente, 40% e 20% em cada situação. Esta foi a principal alteração no sistema de credenciamento de assistência médica.

Anteriormente, o empregado era obrigado a pagar de imediato a consulta ou o tratamento, sendo ressarcido posteriormente em parte no dia do pagamento. Com o novo sistema, ele fica livre da quitação no ato da prestação do serviço médico, descontando depois em folha.

"Nós observamos que era muito sacrifício para o empregado tirar do próprio bolso numa emergência qualquer quantia que fosse, para pagar uma consulta ou internamento. Desta forma, estava acontecendo um certo desleixo na saúde dos empregados, que evitavam procurar os médicos", diz Luiz Carlos Andréa, Gerente da Divisão de Planos Assistenciais (Disea).

Andréa, no entanto, pede a colaboração dos empregados para que



o sistema não apresente falhas. Para isto, a Disea elaborou uma cartilha de orientação, na qual pede aos empregados que não paguem qualquer quantia no ato do atendimento, não assinem formulários em branco e confirmem as notas de despesas.

Na Superintendência de Recursos Humanos (Suman) existem ainda novos planos assistenciais. Paulo Joca, Assessor de Andréa, informa que há planos para estender o atendimento médico odontológico aos funcionários cedidos a terceiros. No que diz respeito ao tratamento dentário, está em estudo a idéia de credenciar dentistas, adotando também o desconto em folha, e incluir os dependentes dos empregados como beneficiários neste serviço.

## Valia estende a todos a suplementação mínima

Os empregados da CVRD filiados à Valia acabam de fazer uma grande conquista: desde o mês passado, todos têm direito à suplementação mínima de seus benefícios, que corresponderá a 10% do salário real de benefício (média dos 12 últimos salários). A informação é de Wander Jevaux, Diretor Superintendente da Valia.

A medida — que beneficiará principalmente os contribuintes assistidos (inativos) de salário mais baixo que ficavam sem suplementação ou com suplementação reduzida da Valia porque o INPS cobre todo ou quase todo seu salário integral — já foi aprovada pelo Conselho de Curadores da Valia, Diretoria e Conselho de Administração da CVRD e está de-

pendendo apenas da aprovação da Secretaria da Previdência Complementar, órgão do Ministério da Previdência Social.

A Valia começou a pagar a suplementação mínima, a partir de dezembro, que, no entanto, não terá efeito retroativo. Serão beneficiados cerca de 3% dos que recebem aposentadoria ou pensão.

A Valia funciona como uma seguradora. Quando o empregado se aposenta, o INPS estabelece o valor da aposentadoria de acordo com o cálculo feito sobre os seus 36 últimos salários. Caso este valor fique abaixo da média dos 12 últimos salários, base do cálculo usado pela Valia, a associação complementa a parte que falta através da suplementação.



Wander Jevaux

### O risco sob controle

## Supot reduz os acidentes

O Porto de Tubarão, considerado como "área de grande risco", vai encerrar 1984 com 13 acidentes de trabalho registrados entre os seus 1.600 funcionários, sendo que nos últimos cinco meses não houve qualquer acidente, informou o Gerente do Setor de Segurança do Trabalho da Supot, Carlos Henrique do Nascimento Perez.

Para mostrar a boa performance conseguida no porto, Carlos Henrique cita as estatísticas sobre acidente de trabalho no Brasil:

morrem 33 pessoas por dia e 17 se acidentam a cada minuto, em seus locais de trabalho. No Porto de Tubarão, a melhor marca foi conseguida pelo Departamento de Apoio Operacional, que não registrou qualquer acidente de trabalho em mil dias.

Carlos Henrique prevê melhores resultados ainda em 1985, já que há quatro anos o número de acidentes de trabalho vem diminuindo. Em 1981, aconteceram 56 acidentes no porto; em 1982, 23; em 1983, foram registrados só 19 e em 1984, apenas 13. Este ano, em cada grupo de 100 funcionários do porto, apenas um se acidentou.

## Ferrovários Evangélicos

Acaba de ser fundada em Vitória a Associação dos Ferrovários Evangélicos do Espírito Santo, com o objetivo de divulgar o Evangelho, promover encontros educacionais, confraternização religiosa e promoção de debates sobre temas atuais. Quem desejar participar, sendo ou não evangélico, basta escrever para Caixa Postal 2142, Agência Central - Vitória (ES), CEP 29000.

• Todas segundas, quartas, e sextas, na hora do almoço, o pastor Sebastião Siqueira (empregado da Sujur) celebra culto evangélico na sede da Aerd. Dia 12 do mês passado houve um encontro de confraternização pelo final do ano. Há dois anos o culto é realizado na Aerd.

## DEIXE A LUZ DE SEUS OLHOS PARA QUEM SÓ CONHECE A NOITE



CAMPANHA NACIONAL DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA  
BANCO DE OLHOS  
INSTITUTO DE PATOLOGIA DA CÔRNEA

Se você quiser doar a sua córnea procure o Departamento de Comunicação Interna (DETIL) ou fale com a Yolanda no ramal 4610. Esta é uma Campanha da Cruz Vermelha Brasileira, com o apoio do Rotary Clube de São Cristóvão.



## PELOS BOTECOS DA VALE

## Parece uma 'caixa de malucos', mas funciona direito

Uma verdadeira "caixa de malucos". É esta a fama que a Sufer — Superintendência Comercial de Ferrosos — tem entre os empregados da Vale. Sem horário rígido (podem ficar na Vale até tarde ou receberem telefonemas do Japão em plena madrugada) e trabalhando em ritmo alucinante, segundo Danilo Nascimento, Gerente de Departamento de Programação de Embarques, eles funcionam como uma espécie de fronteira entre a produção e os clientes (Japão, Oriente Médio, Europa, China, Estados Unidos). São eles os responsáveis pela programação de entrega dos produtos da Vale.

O Depev ocupa uma sala no 22º andar do edifício Clube da Aeronáutica onde um rádio ligado baixinho desanuvia as tensões e um pingüim de geladeira — daqueles de louça — serve de mascote.

Apesar da tensão em que se vive para cumprir prazos de entrega ao sabor das disponibilidades do Porto de Tubarão e dos pedidos imprevistos dos clientes — que têm um calendário anual de encomendas mas as vezes precisam de determinados produtos de uma hora para outra —, para quem entra, a impressão é de que a sala é reservada ao lazer e os painéis afixados na parede (para controlar embarques e desembarques dos navios de minérios) parecem destinados ao jogo infantil "batalha naval". Responsável pela movimentação desses painéis, José Bitencourt de Mattos, arquivista técnico, explica a sua função:



Danilo Nascimento, o Gerente

"Eu cuido do controle dos navios do mercado interno e Europa. Passo para o quadro o movimento deles, descrevendo o tipo de carga, a programação de embarque e suas alterações. Essas alterações são feitas de acordo com os desmembramentos contratuais", conta.

Para melhor racionalizar o trabalho, os contatos comerciais foram divididos em três áreas: a que se ocupa do mercado norte-americano, África e parte da Europa; a responsável pela América do Sul e pela outra parte da Europa e a que negocia com o Extremo Oriente e Oriente Médio.

O lado mais caótico do Departamento, segundo Danilo, é conciliar as pressões do cliente — para ser atendido a tempo e a hora, com produtos da melhor qualidade — com as exigências da produção, sempre pedindo mais prazo na entrega.

"Somos verdadeiros diplomatas", afirma.



A equipe em sua 'estranha' atividade diária

## A ordem é racionalizar os serviços

## Política de contratação é debatida em Seminário

Várias sugestões — entre elas a da unificação do cadastro de empresas contratadas, a partir dos cadastros específicos de cada área da Vale e a da adoção de uma nova rotina de pagamento para contratos de pequena duração — foram apresentadas durante o II Seminário sobre Política de Contratação da CVRD, realizado entre os dias 10 e 12 de dezembro no Hotel Alpino, em Teresópolis, coordenado pela Sufine Sujur, com o apoio da Setra-Suman. Participaram do Seminário, que tinha como objetivo principal a atualização de conhecimentos da área, os técnicos envolvidos nas atividades de seleção e contratação de serviços da Companhia.

Armando Amarel, gerente do Departamento de Planejamento Financeiro da Sufin, explicou que também foi discutido e analisado, durante o Seminário, o Manual de Contratação de Obras e Serviços elaborado em 1983 pela Sucon, Sufin e Sujur e áreas de contratação das superintendências operacionais, a partir das Normas Gerais da Contratação de Serviços, que foram delimitadas em 1982, pelo Conselho de Administração da Vale.

Também foram discutidos, no Seminário, os aspectos jurídicos e os fundamentos constitucionais e normas legais aplicáveis à contratação, além de Teoria da Imprevisão e sua aplicação concreta, que mostra como agir

quando um problema externo, como a chuva, provoca a prorrogação do prazo da obra necessitando, então, de novo contrato sem necessidade de nova licitação.

Várias superintendências ligadas à área de contratação e serviços participaram deste Seminário. Pela área de planejamento, finanças e controle estavam a Sufin, Sucon, Setep, Sufer, Sunaf e Supan; pela área jurídica estava a Sujur e pelas áreas operacionais a Suest, Supot, Supel, Sumin, Supes, Contran e Deteg.

Armando Amaral explicou ainda que estes seminários poderão se tornar rotineiros, ocorrendo todos os anos. O Seminário deste ano foi encerrado pelo superintendente da Sufin, Wilson Brumer, que falou sobre os aspectos financeiros da contratação de serviços.



Armando Amaral

## Controle adota sistema para atualizar custos

Um dos assuntos mais polêmicos do Seminário de Controle, realizado em fins de novembro no Centrecon, foi o Sistema de Inflacionamento de Custos, que será implantado este mês em âmbito geral e que visa a possibilitar a comparação de valores passados e presentes, eliminando-se os efeitos da inflação e da variação monetária.

Neste sentido, foram apresentados os aperfeiçoamentos introduzidos em módulos no Sistema Integrado de Contabilidade, Orçamento e Custos (Sicoc), que possibilitarão o aprimoramento do suporte ao controle gerencial e à tomada de decisões. Além de fornecer dados sobre os níveis das diversas atividades operacionais, esse sistema dá um quadro completo das previsões e aplicações dos vários fatores de produção.

Os participantes do Seminário também discutiram o Sistema de Controle de Contratos, resul-

tado de um trabalho de seis meses e em fase final de desenvolvimento, que fornecerá informações técnicas aos setores especializados do Sistema CVRD, permitindo-lhes um efetivo controle financeiro, contábil, orçamentário e operacional de todos os contratos firmados relativos a investimentos e a custeios.

O Seminário discutiu outros temas e foi considerado excelente por 95% dos participantes, segundo pesquisa de avaliação realizada logo após o encerramento. Isso levou a Sucon a decidir que todos os anos haverá um encontro entre os técnicos das áreas de controle econômico-financeiro da CVRD e das empresas controladas, coligadas e fundações. Participaram representantes de 12 empresas e de 12 Superintendências operacionais e da administração central.

"O Seminário superou nossas expectativas, tanto em termos de participação, como também na qualidade das exposições", disse Jorge Curtinhas, Assessor da Sucon e coordenador do encontro.

## Trabalho do menor

## Regulamentação e desenvolvimento



Uma das primeiras conquistas sociais de nosso País, há mais de 90 anos, foi a regulamentação do trabalho do menor, em 17 de janeiro de 1891.

Para efeitos legais neste caso, é considerada menor de idade a pessoa entre 12 e 18 anos, já que, antes dos 12, o trabalho lhe é proibido. Dos 12 aos 14 anos, a pessoa pode ser autorizada a trabalhar, desde que atenda a certas condições. Uma delas é a de frequentar a escola. Ai, porém, reside o maior problema. O ensino de 1º grau, o mínimo a ser oferecido por qualquer sociedade civilizada, deve ser cumprido, obrigatoriamente, entre os 7 e os 14 anos. No entanto, mais de 7 milhões de crianças, atualmente, acham-se fora da escola, inclusive os matriculados, que a abandonam, porque não têm condições de acompanhar os estudos, ou são retirados por seus pais para aproveitar-lhes a capacidade de trabalho. Essa triste situação não existe apenas no Brasil. Segundo a Organização Internacional do Trabalho, há no mundo mais de 40 milhões de menores trabalhando.

O trabalho infanto-juvenil continua sendo problema, tanto nos países desenvolvidos, quanto nos em desenvolvimento.

Pode-se afirmar que as principais causas desses fenômenos são o atraso econômico desses países, consequência do domínio colonial e a sobrevivência de arcaicas estruturas sócio-econômicas.

No caso particular do Brasil, nas regiões carentes e nas periferias urbanas das grandes metrópoles, o trabalho das crianças é essencial à sobrevivência do grupo familiar. É o menor tornando-se adulto, em função da necessidade de ganhar a vida.

No aspecto da educação, são exatamente estes menores que, somados àqueles que não têm acesso à escola regular, irão constituir o contingente de analfabetos. Este é um problema que atinge a toda a sociedade, e por mais que o Mobral tenha avançado na tentativa de solucioná-lo, esta solução não será encontrada apenas pela via educacional.

Fundação Mobral



## 2 TEMPOS

Pais & Filhos

O 'drama' de dezembro:  
será que Júlia passou?



Todo fim de ano, um mesmo drama é encenado pelas famílias que têm crianças em idade escolar. Nos diálogos (ou monólogos) praticamente só se registra uma mudança de peso: o nome do personagem principal.

— Será que o Carlinhos passa de ano? Ele estava fraquíssimo em Português e Matemática...

Ou:

— A professora da Júlia está exigindo demais. Acho que ela vai ter que repetir o ano...

Ou ainda:

— Imagine, bem. A "tia" do Paulinho disse que ele não está preparado ainda para ser alfabetizado. Quer que ele fique mais um ano no jardim. Acho que chegou a hora da gente trocar de escola.

Se o problema dos pais de Carlinhos e da Júlia já é considerado "gravíssimo" — como se passar de ano fosse um fim em si mesmo e não a consequência natural da evolução de um processo de aprendizado — o drama vivido pela família de Paulinho é ainda mais "terrível". Afinal, a alfabetização é vista como um marco, uma conquista, um salto que trará a criança para mais perto do mundo "adulto". Seria necessário, portanto, que este salto fosse dado o mais cedo possível. Seria mesmo?

Depois de uma fase de entusiasmo quase juvenil pelos novos métodos de alfabetização, os educadores brasileiros voltam a pensar a educação com os olhos voltados para as crianças — e não para os pais ou para os métodos. Entendem, por exemplo, que uma criança é sempre e obrigatoriamente diferente de outra. E que, para que seja alfabetizada, ela deve preencher alguns requisitos básicos, sob pena da escrita e da leitura se transformarem não em saltos, mas em barreiras. Uma criança emocionalmente abalada — seja pela chegada de um irmão, seja pela separação dos pais ou pela mudança de escola — muito provavelmente terá mais dificuldade para aprender a ler do que outra em condições emocionais estáveis. Assim como um pequeno problema visual ou auditivo — às vezes ainda imperceptível para pais ou professores — pode prejudicar profundamente o processo de aprendizado.

Quando, desconhecendo a individualidade da criança, os pais ou a escola (quase sempre pressionada pela família) insistem em "forçar" a aprendizagem, o resultado é desastroso. Além de não aprender — ou de aprender pela metade — o aluno, que não consegue acompanhar os colegas, tende a se sentir incapaz. E este é um sentimento perigoso para um indivíduo que começa a formar sua personalidade.

"Perder o ano" é, quase sempre, ganhar tempo para crescer, para se preparar. Transformar o fato num drama não ajuda a criança. Nem os pais. O tempo, afinal, conspira a favor de quem só tem pressa de viver.

## ALÔ, GAROTADA!



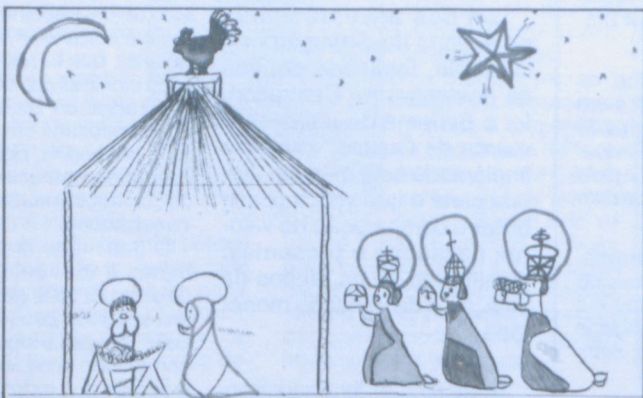
Nós convidamos e as crianças não pensaram duas vezes: cada vez é maior o número de desenhos que chegam à redação do JV para publicação nesta página. Agora, um lembrete: desenhar não é a única forma de se comunicar. Mandem para nós uma redação, uma historinha, uma entrevista. Contem o que quiserem. E contem conosco.



FERNANDO



LEONARDO, 9 anos



ADRIANA, 8 anos



MALVA, 6 anos



ÉRICO, 8 anos

Dia do Marinheiro

## A evocação de Tamandaré



O Dia do Marinheiro foi comemorado a 13 de dezembro, lembrando a data do nascimento de Joaquim Marques de Lisboa, o Marquês de Tamandaré. Tendo ingressado na Marinha numa época em que o Brasil lutava para consolidar sua independência, o Marquês de Tamandaré participou de campanhas como a Confederação do Equador, Guerra Cisplatina, Cabanagem e Guerra dos Farreiros.

Destacou-se também na luta contra Oribe e Rosas, foi Comandante-em-Chefe da Esquadra em operações no Rio da Prata, conseguindo vitórias nas batalhas do Riachuelo, Passo da Pátria, Curuzu e Humaitá, o que garantiu a soberania brasileira na região. Por tudo isso, foi escolhido Patrono da Marinha e o seu aniversário marca o Dia do Marinheiro.

## A saga da FEB



A História da Força Expedicionária Brasileira está contada em livro lançado pela Agência Globo. "O Globo Expedicionário — o Brasil na Segunda Guerra Mundial" tem artigos escritos pelos Generais Meira Mattos e Octávio Costa, que participaram da campanha da FEB na Itália, e uma reportagem do jornalista Joel Silveira, correspondente de guerra.

O livro, de 176 páginas, reúne também fotos da frente de combate, reproduções das primeiras páginas dos jornais da época e do "Globo Expedicionário", um tablóide que era distribuído aos pracinhas brasileiros na Itália. A apresentação do livro foi escrita pelo jornalista Roberto Marinho.

● A Vale comprou mil exemplares do "Globo Expedicionário — o Brasil na Segunda Guerra Mundial" para doar à Associação Nacional dos Veteranos da FEB.





A casa onde D. Beja morava virou museu

*Fascínio aumenta com o tempo*

## Feiticeira de Araxá, D. Beja ainda reina

*"Dona Beja, Dona Beja/Todos querem lhe encontrá/Lá naquele 'pau de binga'/Numa noite de lua".*

Os versos deste lundu composto por Mary Leonardos são um bom exemplo das fantasias que ainda desperta na imaginação popular a figura de Ana Jacinta de São José, mais conhecida como Dona Beja, a "Feiticeira de Araxá". Até hoje, os fatos e lendas em torno desta mulher, que viveu de 1800 a 1874, provocam polêmicas.

Nascida em Formiga, Ana Jacinta mudou-se aos quatro anos para Araxá, cidade da qual continua sendo a mais ilustre personagem. E sobram razões para isso. Filha de pai desconhecido e órfã de mãe desde pequena, Ana Jacinta, que foi criada pelos avós, segundo alguns, ou pelos tios, segundo outros, era uma jovem belíssima quando foi sequestrada, aos quinze anos, pelo Ouvidor-Geral Joaquim Inácio Silveira da Mota, que acabou se apaixonando por ela. Valendo-se de sua influência junto ao amante, com quem viveu dois anos, Dona Beja (o apelido é corruptela da flor beijo, também conhecida como maria sem-vergonha) conseguiu fazer com que o Triângulo Mineiro, que passara a integrar a Capitania de Goiás desde 1788, voltasse a ser parte de Minas.

Depois de ter sido, aos quinze anos, vítima da própria beleza, Ana Jacinta decidiu passar a utilizá-la para aumentar sua riqueza e seu prestígio. Ela fez-se então amante dos homens mais poderosos da região. E

durante vinte anos, Dona Beja exerceu seu domínio sobre a região.

Em Araxá, as pessoas se referem com orgulho a Dona Beja. Mas é inegável que mostram algum constrangimento para contar certas passagens de sua vida. O folheto distribuído aos visitantes do Museu de Dona Beja refere-se à "vida licenciosa" que levou, mas ressalva que, apesar disso, ela teve uma "dignidade relativa", expressão que é uma pérola de mineirice.

A fonte onde Ana Jacinta ia se banhar

Depois de um período de esquecimento, a lembrança de Dona Beja teve sua reatualização em 1957, com o lançamento de três livros: "Dona Beja", de Raul Machado; "A Vida em Flor de Dona Beja", de Agripa Vasconcelos; e "Dona Beja, a Feiticeira de Araxá", de Thomas Leonardos.

**Projeto Titânio na página 16**

## Abraçada pelo Amazonas, Marajó resiste

# Pássaros e búfalos, eis a ilha

Anteparo do mar. Barreira. Rochedo de fé.

'Mbarajo. Marajó. O nome indígena define bem esta que é a maior ilha fluvial do mundo: seus 50 mil quilômetros quadrados ficam exatamente na foz do Rio Amazonas, entre seus braços norte e sul, como que tentando impedir que as águas do rio cheguem ao Atlântico. Mais que uma barreira, no entanto, Marajó é um paraíso ecológico.

Quem chega a Marajó, depois de quatro horas de agradável viagem de navio desde Belém do Pará, se surpreende com a paisagem selvagem da ilha. São matas e campos, igarapés e lagos e extensas pastagens naturais habitadas por dezenas de espécies de pássaros — principalmente os guarás, os gaviões, as garças e os jaburus — bandos de guaribas, um dos maiores macacos da Amazônia, ja-



Os marrecos são contados aos milhares neste paraíso ecológico

carés e búfalos, milhares de búfalos, que são criados na ilha desde o início do século.

Em Marajó vivem cerca de 150 mil pessoas, a maioria caboclos que se dedicam a cuidar dos rebanhos de búfalos. Eles são descendentes dos indígenas que chegaram à região por

volta do ano 400 — e que nos legaram a cerâmica marajoara, a manifestação cultural mais típica da ilha — e dos colonizadores portugueses, que pisaram nas extensas praias da região em meados do século 17, fundando Joanes, a mais antiga cidade de Marajó.

Mas se Joanes é a mais antiga, não é a principal localidade da ilha. Soure é uma espécie de capital de Marajó, para onde se dirige a maioria dos turistas que procura a ilha. É de lá que se parte para conhecer as ruínas de Joanes, a praia de Salvaterra, no Rio Paracauary e as fazendas onde são criados os búfalos, força e alimento desta ilha mágica.

Dos enviados especiais

**Edilson Martins, Sérgio Macedo e Ilana Lansky**



Búfalos alimentam e trabalham



A pesca é feita em currais

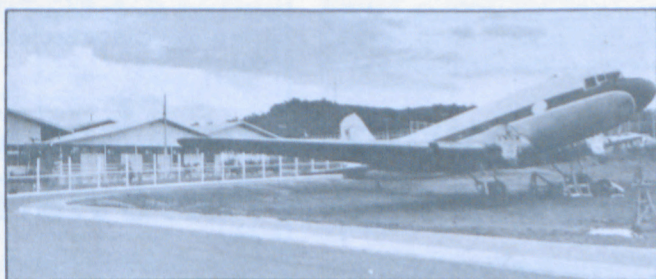
## Centro de Visitantes, o futuro Museu

# O acervo histórico de Carajás

O Centro de Visitantes, embrião do futuro Museu de Carajás, é o primeiro contato de quem chega à região e deseja conhecer o Projeto em toda sua dimensão. Ali são encontrados dados completos sobre os minérios existentes na área e informações técnicas a respeito do empreendimento.

O Centro praticamente prepara o visitante para o contato físico com o Projeto. Mas a primeira peça do acervo está do lado de fora da casa que o abriga. É o avião Douglas DC-3, prefixo PP-VDM, que fez oito mil horas de voo entre Marabá e a Serra de Carajás no início da prospecção geológica, quando ainda não havia estradas.

Ao entrar no Centro, o visitante fica logo sabendo a localização do Projeto num mapa, com informações sobre as suas fronteiras e acessos rodoviários. Também recebe dados a respeito das linhas de transmissão



A primeira peça do Centro de Visitantes é um Douglas DC-3

de energia e das jazidas, todas situadas num raio de 60 quilômetros. O passo seguinte é uma olhada na maquete do Projeto, que mostra a futura planta industrial, em fase de construção, e todos os detalhes da exploração do minério de ferro, desde a mina até o pátio de estocagem, passando pela britagem, peneiramento e moagem. Nesse ponto, Alceu Mendes Santos Sobrinho, Relações Públicas de Carajás e que eventualmente funciona como ciclerone, pode dizer que o minério tem um teor de ferro médio de 66,6%, sendo um dos melhores do mundo.

Mais adiante, uma foto tirada por radar mostra as áreas limites de lavra da Vale nas serras Norte e Sul de Carajás, num total de 423 mil hectares, onde estão jazidas de ferro, manganês, cobre, ouro, níquel e outros minérios, exibidos numa sala em pequenas amostras. Outra maquete que se destaca é a do Núcleo Urbano, em fase de construção, projetado para 10 mil habitantes. Em outro espaço do Centro, uma dezena de fotos dá informações a respeito de tribos indígenas e sítios arqueológicos. E para encerrar a visita, é exibido um filme sobre o Projeto.



Oswaldo 'Devagar' domina o meio de campo

## Sufer vence por 6 a 0 a Sufin e é campeã invicta

Sob o comando de Oswaldo "Devagar" no meio-campo, a Sufer não teve dificuldades para fazer 6 a 0 na Sufin e sagrar-se campeã invicta da Aerd, em 84. Na campanha, o time fez 19 gols e não levou nenhum, vencendo 5 jogos e empatando apenas um contra a Sucon. É da Sufer também o artilheiro, o experiente centro-avante Bernardo, com 6 gols.

A Sufer chegou ao seu primeiro título em torneios internos da Aerd, vencendo na fase classificatória a Satap por 8 a 0, a Sufin por 3 a 0, a Sucon por 1 a 0 e empatando com a Sucon de zero a zero. Na semifinal venceu a Ditep por 1 a 0. A Sufin perdeu da Sufer na primeira fase e venceu a Sucon por 3 a 2; a Sucon, por 2 a 1 e a Satap por 3 a 0. Na semifinal, a Sufin ganhou da Imprensa, por 2 a 0. A Imprensa tirou o 3º lugar porque a Ditep não apareceu para a disputa.

Tradicionalmente, a Sufer sempre mostrou bons jogadores nos



O time campeão do torneio interno de 84

campeonatos, mas foram necessárias a organização e a garra impostas por "Devagar", ex-juvenil do Vasco, para que levantasse o seu primeiro título. Segura na defesa (César, Carlinhos, Flávio Lazoski, Augusto e Vanderli e, na reserva, Camilo Flamarion, goleiro e grande animador do time, Ivo, que foi também o técnico, Marron e Darli); um bom meio-campo (Oswaldo, João e Anilton), e um ataque agressivo (Ghelli, Bernardo e Robson, na reserva, Marquinhos, Lagatta e Ernani), a Sufer ganhou porque foi a equipe mais organizada dentro e fora do campo.

## Tênis de Mesa

A final do 1.º Torneio Empresarial de Tênis de Mesa foi decidida no dia 4 de dezembro com vitória da equipe da Sonrisal sobre a Aerd por 2 a 1. O torneio contou com a participação de 118 empresas, entre elas a CVRD, e foi o único título perdido pela equipe de tênis de mesa da Aerd no ano de 1984.

Júlio, Moreno, Marcos e Vincenzo formam a equipe da Aerd que conquistou seu primeiro título no ano passado, quando saiu vencedora do 1.º Torneio Aberto de Petrópolis. A Aerd também venceu a Mini-Olimpíada dos 20

anos da Aerd, que contou com a participação da Embratel e Eletronbrás, o Torneio da Cia. de Pesquisas e Recursos Minerais e torneios internos contra as equipes de Itabira e Tubarão realizados no Rio e em Vitória.

O diretor da Aerd, Nilzon Gonçalves, disse que em janeiro terá início o Campeonato Interno de Tênis de Mesa, aberto a todos os empregados da Vale. Doze pessoas já se inscreveram para o Campeonato e quem estiver interessado em participar poderá fazer a inscrição na Secretaria da Aerd.

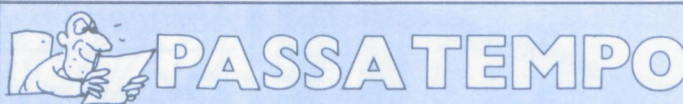
## No Espírito Santo, só deu a Desportiva Ferroviária

A Desportiva Ferroviária, time da CVRD no Espírito Santo, ganhou todos os títulos do futebol capixaba que disputou durante 84: do profissional — campeonato conquistado com a vitória de 2 a 0 sobre o Rio Branco, no último dia 9 — ao dente de leite, passando pelas categorias infantil, juvenil e junior. Com isso, a Desportiva vai representar o Estado na Taça de Ouro e seu time juvenil participará da Taça Cidade de São Paulo.

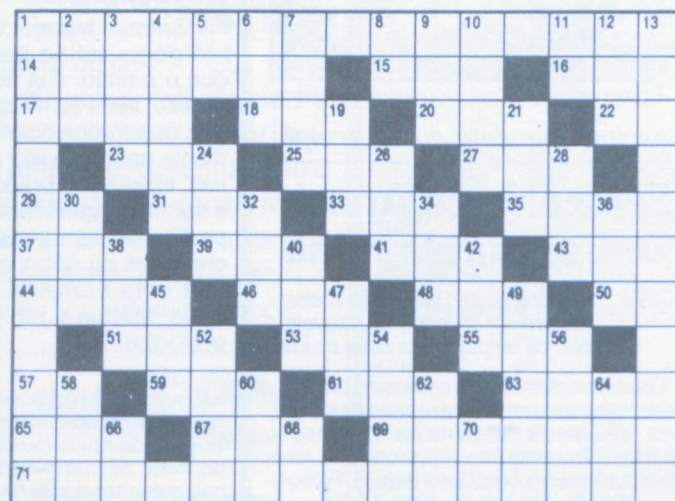
"A partir de agora, todos passaremos a torcer para a Desportiva". A afirmação foi feita pelo Governador do Espírito Santo, Gerson Camata, ao receber o time campeão no Palácio Anchieta e prometer apoio financeiro — através de publicidade de órgãos do governo — para sua

campanha no campeonato nacional. Camata garantiu também que pedirá o apoio do empresariado local para que a Desportiva "possa competir com as melhores equipes do país em igualdade de condições".

A Desportiva classificou-se para o quadrangular final do campeonato capixaba vencendo o primeiro turno. Das seis partidas decisivas, o time venceu quatro, empatou uma e perdeu outra. Entre seus craques, o destaque é Aldo, que marcou o gol da vitória contra o Rio Branco e foi o artilheiro da competição. O time que conquistou o campeonato no estádio Engenheiro Araripe formou com Rogério, Jacimar, Raul, Serjão e Nicanor; Japonês, Tião e Paulistinha; Lúcio, Aldo e Edu.



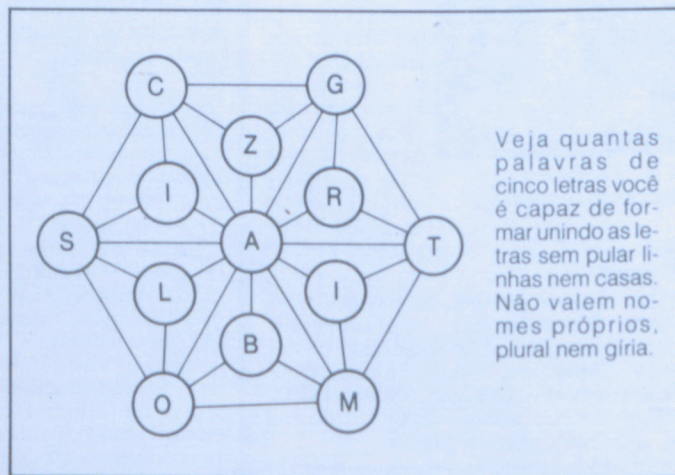
## CRUZADAS



**HORIZONTAIS** — 1 — Com agasalho, carinhosamente; 14 — Multidão de animais domésticos que vivem e pastam juntos; 15 — Unidade das medidas agrárias; 16 — Região montanhosa do Níger; 17 — Discursar; 18 — Antropônimo masculino; 20 — O grito da tocadora de castanholas; 22 — A mim; 23 — Conselheiro do Negus; 25 — Quantidade diminuta; 27 — Divindade egípcia, representava o ocaso do Sol; 29 — Antigo Testamento; 31 — Rio da URSS, no Kirguistão; 33 — Membro empenhado das aves; 35 — Elem. prefixal: **audição**; 37 — Dialeto iraniano falado ao longo do mar Cáspio; 39 — Estames do jacinto; 41 — Medida de Amsterdam para líquidos; 43 — Antiga medida de cereais usada por hebreus e egípcios; 44 — O espectro solar; 46 — Soberano; 48 — Sigla da Força Aérea Inglesa; 50 — A parte detrás; 51 — Arquipélago da Guiné francesa; 53 — Deus fenício, filho predileto de El; 55 — Apologia; 57 — Carta do baralho; 59 — Viscera dupla; 61 — Cidade da Índia, no principado de Baroda; 63 — Rebanho de gado miúdo; 65 — Sofrimento; 67 — Título abissínio; 69 — Que vende caro; 71 — Partidários do princípio da abstenção.

**VERTICAIS** — 1 — Perfumada; 2 — Antigo dardo alemão; 3 — Prover de abas; 4 — Festa literária; 5 — Iniciais de Nobel; 6 — Divindades menores do lamaísmo; 7 — O momento em que alguma coisa deve suceder; 8 — Demônio tibetano; 9 — Marco das portas; 10 — Lacuna numa escritura; 11 — Loureiro do Japão; 12 — Na língua tupi: **focinho**; 13 — Lugares de eremitas; 19 — Planta labiada; 21 — Letra do alfabeto grego; 24 — (Mús.) Siringue chinesa de dezesseis tubos; 26 — (Ant.) Espécie de calçado; 28 — Nome científico do rato; 30 — Bandolim iraniano; 32 — Divindade dos celtas, antiqüíssimo deus do mar; 34 — Atluente do Reno; 36 — Oferecer; 38 — Sinal gráfico; 40 — Desprovido de; 42 — Achaque; 45 — Contração de **sóror**; 47 — Átomo carregado eletricamente; 49 — Desapareces; 52 — Tratamento que se dá a reis e imperadores; 54 — Pau do jogo de bilhar; 56 — (Mit. eg.) Nome das sete grandes salas do reino de Osiris; 58 — Debaixo de; 60 — Dragão de cinco unhas; 62 — (Mit. esc.) Esposa de Aegir, demônio do mar; 64 — Período histórico; 66 — Sigla do Estado do Rio Grande do Sul; 68 — Sigla do Estado de Santa Catarina; 70 — Medida japonesa de extensão.

## LABIRINTO



Veja quantas palavras de cinco letras você é capaz de formar unindo as letras sem pular linhas nem casas. Não valem nomes próprios, plural nem giria.



FRITZ



CRIPTOMANIA

**TUXTMXJZZT**  
**AJXOF ZOIT BRF**  
**HTOZF GTF ZJ**  
**SFT JZAOCJZZJ**  
**IBXFSIT AFSAT**  
**AJRUT**

Esta mensagem foi escrita em código de substituição simples de letras. Por exemplo. SUBMARINO INIMIGO num código semelhante assim DFLVJCSXSXSXSQZ. Para decifrá-la basta observar a freqüência com que aparecem certas letras ou grupos de letras.

LOGOMANIA

INSTRUÇÕES

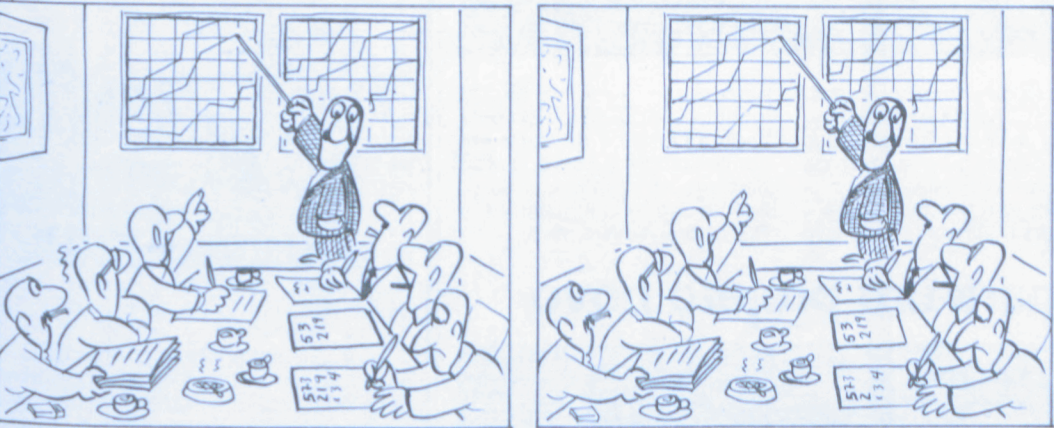
O objetivo deste jogo é formar o maior número possível de palavras de quatro letras ou mais, usando apenas as letras que aqui aparecem misturadas e que formam uma palavra-chave (a palavra-chave é apresentada nas respostas, em letras maiúsculas, juntamente com as palavras encontradas). A letra maior deverá aparecer obrigatoriamente em todas as palavras, em qualquer posição. Uma letra não poderá aparecer em cada palavra maior número de vezes do que na palavra-chave. O autor não usa dicionário e só apresenta palavras de uso corrente.

**FROM**  
**A**  
**M**  
**T**  
**ESEO**

por isso o leitor muitas vezes encontrará mais palavras do que as publicadas. Não valem verbos, nomes próprios, plurais nem girias.

**Encontradas 61 palavras: 23 de 4 letras; 16 de 5; 13 de 6; 5 de 7; 1 de 8; 2 de 9; e 1 de 11**

SETE ERROS



**Soluções**

**CRUZADAS**

**SOLUÇÃO** — HOR — agasalha-damente — rebanho — are — Air — orar — Ari — oie — me — rás — avo — Alm — A.T. — Uil — asa — audi — tat — ais — aam — sat — los — rei — RAF — ré — Los — Mot — loa — as — rim — Nar — grei — dor — rás — careiro — abstençionistas.

**LOGOMANIA**

amém amor, erma erro esmo fome mate maio meio rano remo rona tema lomo trem, fêmea fêmeo forma moito mostra mesmo morta morte moito morsa resna relem temo terem tema, amoro esmore emerso estame remate remota remoto, emerso formosa formo maestre remorso, semáforo, estaleiro metamorfo, metamorfose.

**SETE ERROS**

pareceu  
A haste vertical do quadro na parede está mais fina — A terceira linha do gráfico, à direita, sumiu — O fumante, na porta da mesa, parou de fumar — Falham dois números na folha do acionista — A caixa de fósforo, na extremidade da mesa, está fechada — A fumaça do cigarro do fumante, à esquerda, desapareceu.

**CRIPTOMANIA**

**TEMPO**  
**DURANDO TANTO**  
**ESTIVESSE**  
**UMA COISA BOA SE NÃO**  
**O PROGRESSO TERIA SIDO**

**LABIRINTO**

mão limbo tilia trama trala li-gaz saião saiaz salsa sambá tilara-litramolar mosca ramal razão sabão samaisá mamão mambo mara magra malardim lombá lombó macia magra malargalão gramá grata laica larga latão lacarba cálio camba camba cisão gaita carga carta casca casca cisão gaitacabal cálio camba camba carão zar bobão bolão boia bomba bombo bambu bambó barão basai basca basatras babão bacia baio baio baia abará acará ágata ambas ambos arara

VALIA informe

Aposentadoria

Um empregado com menos de dois anos para aposentar-se, ainda pode inscrever-se na Valia?

Qualquer empregado de empresa patrocinadora, ainda não inscrito na Valia como participante, poderá fazê-lo.

Para tanto, basta comparecer aos escritórios da Valia onde lhe serão prestados todos os esclarecimentos para formalizar o pedido de inscrição. Adiantamos que para efeito de obtenção de suplementação de aposentadoria por tempo de serviço, especial ou por velhice, o atual Estatuto exige uma carência de 60 contribuições e 10 anos de vínculo empregatício com a patrocinadora. Se for maior de 35 anos, ou faltarem menos de 20 anos para aposentar-se, deverá pagar uma contribuição complementar, calculada atuarialmente, para cuja fixação serão considerados a remuneração, o tempo de atividade, a idade e o tempo que falta para aposentadoria a ser concedida pelo INPS.

O auxílio-doença acidentário e o previdenciário são contados como tempo de serviço para efeito de aposentadoria por tempo de serviço?

Sim. O período em que o segurado fica afastado entre períodos de atividade, recebendo benefício por incapacidade (auxílio-doença, acidentário e previdenciário), é contado como tempo de serviço, para efeito de concessão dessa espécie de aposentadoria.

Quais os benefícios a que tem direito o segurado aposentado que retorna ao trabalho, em caso de acidente de trabalho?

O segurado em gozo de aposentadoria especial, por velhice ou por tempo de serviço, que volta a exercer atividade abrangida pela previdência social urbana, tem direito, em caso de acidente de trabalho, à reabilitação profissional, ao auxílio-acidente e ao pecúlio por invalidez — um pagamento único de 15 vezes o valor de referência vigente na data da sua autorização, na localidade de trabalho do acidentado.

Quando o acidente acarreta invalidez, o aposentado pode optar pela transformação de aposentadoria previdenciária em aposentadoria acidentária; em caso de morte, será concedida a pensão acidentária (se for mais vantajosa) sem prejuízo do pecúlio.

Sou proprietário de um terreno, mas não sei como obter dinheiro para construir minha casa. Pode a Valia ajudar-me?

A Valia possui o empréstimo imobiliário, que poderá ser usado para essa finalidade.

Sugerimos que o interessado se dirija ao Posto da Valia em Belo Horizonte, pessoalmente ou por telefone (Rua São Paulo, 351 — 1.º andar, tel.: 201-1833, 201-7011, ramal 427, ou carrier 446), onde obterá todas as informações necessárias. Recomendamos, também, procurar no mesmo endereço a Fundação Vale do Rio Doce (FVRD), que tem como finalidade principal desenvolver planos habitacionais para os empregados da CVRD.

Correspondência para esta coluna: Secretaria-Geral da Valia, aos cuidados de Wilson Reeberg. Av. Pres. Wilson, 228 - 12.º - 262-9755.



*Projeto industrial fica pronto agora em março*

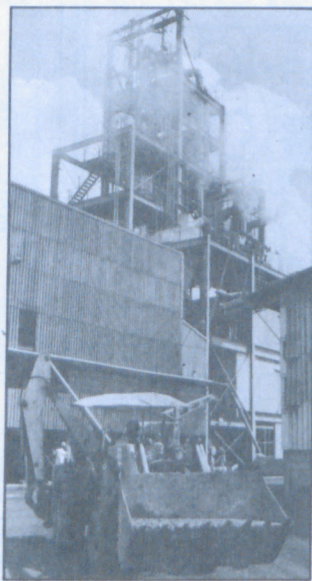
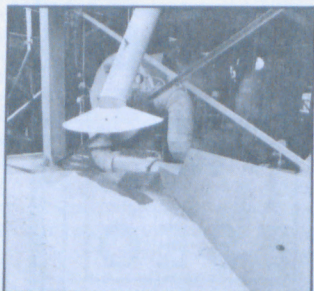
## Du Pont recebe mais titânio

Este mês, a Vale embarca mais 2 mil toneladas do concentrado de anatásio (minério de titânio) para a Du Pont, nos Estados Unidos, que já havia recebido igual quantidade em novembro, para a realização de testes industriais com o produto, do qual se faz principalmente um pigmento branco usado em tintas, vernizes e lacas. A Andrade Gutierrez já obteve autorização do Conselho de Desenvolvimento Industrial (CDI) para instalar uma fábrica de pigmento, que entra em operação em 1988, próxima à planta-piloto da Vale, em Tapira (MG). Até março, a Vale conclui o projeto da sua unidade industrial, para produzir 150 mil toneladas do concentrado a partir de 1987. Outras empresas pretendem instalar unidades de beneficiamento na região

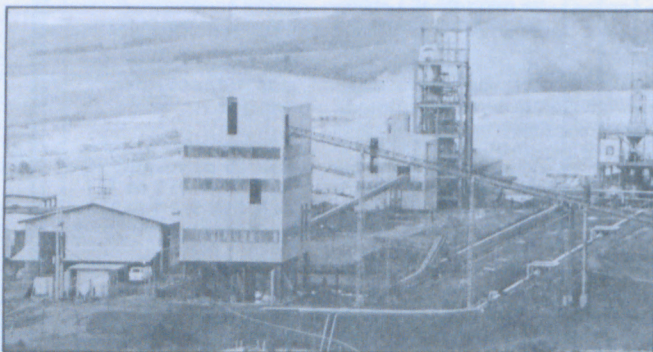
Com estes projetos começa a se instalar no Triângulo Mineiro, nas redondezas de Araxá, um complexo industrial para a produção de titânio, considerado o metal do futuro, cuja aplicação na indústria bélica e aeroespacial tem se ampliado, ultrapassando a sua tradicional utilização como pigmento.

O processo de obtenção do titânio através do anatásio foi inventado pela Vale, que gastou 10 anos e US\$ 20 milhões em pesquisas pelo Deteg (Laboratório do Km 14, em Belo Horizonte). Até então obtinha-se o titânio somente do rutilo, cujas reservas brasileiras são inexpressivas e as mundiais vêm se esgotando, da ilmenita (um minério mais pobre, que exige o emprego do processo "sulfato" altamente poluente, e também com poucas reservas nacionais) e das magnetitas titaníferas, com reservas conhecidas apenas no Canadá. O Brasil, com as reservas de anatásio em Minas, passou a ter o maior depósito de titânio.

A CVRD, em Tapira, utiliza o processo "cloreto" (para minérios ricos, como o rutilo) do qual se pode obter o metal. Para isto, a empresa fez convênio



O núcleo de concentração da usina (alto) produz o minério de titânio (à esquerda) na planta-piloto de Tapira, perto de Araxá



com o Centro Técnico Aeroespacial (CTA), da Aeronáutica, de São José dos Campos, que está adaptando o método de produção do metal, a custos reduzidos. Ao mesmo tempo a empresa acompanha um novo

processo — "eletrolise em sal fundido" — desenvolvido pela Escola Química de Paris em convênio com a Universidade de Sergipe. Atualmente só os EUA, o Japão, a Inglaterra e a Rússia produzem o metal.

## Gente jovem para um projeto novo

O que primeiro chama a atenção a quem entra na usina-piloto do Projeto Titânio em Tapira é que o pessoal que a opera é extremamente jovem, dos gerentes aos continuos. A média de idade dos empregados está por volta dos 24 anos, aproximadamente. É como se o desafio dessa aventura, que exige grande dose de criatividade e curiosidade, fosse feito sob medida para gente moça.

Para muitos dos integrantes da equipe, das mais variadas procedências, o trabalho em Tapira representa uma experiência nova. Alguns eram técnicos recém-formados (às vezes ex-estagiários) da Docegeo ou da Deteg. Outros vieram da Divisão de Fiscalização de Obras de Itabira ou da Supel. E muitos dos funcionários mais antigos acabaram sendo aproveitados em funções que nunca tinham exercido antes, numa verdadeira reciclagem que, em vários casos, teve um efeito estimulante.



A sondagem de outros minerais (terras raras) continua na área

Mas outras coisas atraem a atenção dos visitantes, como a horta comunitária cultivada nos terrenos da usina ou as inúmeras casinhas espalhadas, com alpieste e água, para que os pássaros não sejam afugentados da região. E a experiência está dando certo.

O que todos reclamam, no entanto, é a falta de opções de la-

zêr. A maioria dos funcionários veio de centros maiores e acha um tanto monótona a vida na pacata Araxá, cujo último cinema fechou há algumas semanas.

Dos enviados especiais

**Francisco Nelson Oliveira e Cynthia Brito**

*A Vale pesquisa em Caeté*

## Ouro, outra vez. Começa um novo ciclo em Minas

Desafiando os fantasmas dos antigos mineradores, que abandonaram a área há quase dois séculos, tão logo esgotou-se o ouro de aluvião, a Vale espera abrir, em Caeté, próximo a Belo Horizonte, um novo ciclo de riqueza no Estado que, muito significativamente, tem o nome de Minas Gerais.

"Parece que estamos vivendo um novo ciclo do ouro em Minas Gerais". A afirmação do diretor-presidente da Docegeo, Francisco Fonseca, não é motivada apenas pelo otimismo. Ao contrário, está baseada nos primeiros estudos realizados pela empresa em velhos terrenos — dos quais a CVRD conseguiu conquistar os direitos de lavra — e que indicaram a possibilidade de altos teores de ouro.

A história da mineração no Brasil, em especial em Minas Gerais, começou há algum tempo depois da chegada dos portugueses em nossa terra. Numa tentativa de repetir a aventura espanhola no continente americano — o sonho da descoberta do ouro e das pedras preciosas — os conquistadores incentivaram as expedições rumo ao interior, partindo de Porto Seguro. Na última década do século 17, o ouro e as pedras começam a aparecer, principalmente na zona montanhosa que ficava para além das terras de São Paulo.

No início do século 18, milhares de aventureiros já se organizavam em núcleos pioneiros que dariam origem às vilas. E o ouro fez a riqueza de Mariana, São João Del Rey, Tiradentes e, naturalmente, de Vila Rica, hoje Ouro Preto, incorporando-se à história destes lugares.



Nos laboratórios da Deteg, em BH, as modernas pesquisas com o ouro

Capitania de São Paulo e Minas do Ouro eram as denominações da área que começava no litoral e avançava serra acima. Quando se descobriu que ali não havia apenas ouro, mas muitos outros minerais, a capitania recebeu o nome de Minas Gerais. O fato ocorreu em 1720 e, mais de 150 anos depois, era registrado pela revista inglesa "Journal of the Royal Geographical Society".

"O adjetivo (Gerais) — explicava a publicação — foi dado em oposição às minas dos rios das Velhas, das Mortes e dos Caetés". Durante os 70 anos em que o ouro foi retirado, os portugueses exploraram apenas o de aluvião, encontrado na superfície, e não incentivaram as atividades ligadas à extração. Isso só iria ocorrer em fins do século 19, quando os ingleses se instalaram em Nova Lima, abrindo a mina de Morro Velho e utilizando a tecnologia mais moderna, começando a explorar a rocha viva. Era o início do segundo ciclo do ouro que, no entanto, não teve as dimensões do primeiro. Depois da II Guerra Mundial, só Morro Velho, ainda ativa, resistiu. Suas concorrentes entraram em decadência inexorável.

Hoje, podemos estar assistindo ao início de um terceiro ciclo. É o que indicam os primeiros furos realizados na região de Caeté.